

Rogério Cericatto



O PASTOR

# O P A S T O R

**Rogério Cericatto**

---

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet, através do site Letras Santas, com autorização do Autor. A reprodução no todo ou em parte deste livro, por qualquer meio, só será permitida desde que seja mantidos sua forma original ou seu contexto original, preservando assim, os direitos autorais do autor e permitindo o entendimento principal ao qual o livro foi escrito.

O Autor gostaria de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro: **rogerio.cericatto@bol.com.br**. O LETRAS SANTAS gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **letrassantas@bol.com.br** ou **naasom@bol.com.br** . Estamos à espera do seu e-mail.

Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça à Lei de Direitos Autorais, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: **letrassantas@bol.com.br** para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



[www.letrassantas.hpg.com.br](http://www.letrassantas.hpg.com.br)

Aos Homens que Deus tem levantado  
para Pastorear sua igreja.

Perguntei-lhe:

— Você compreendeu minha pregação?

Ela me olhou de cima à baixo e, amargamente respondeu:

— O que você é, fala tão alto, que eu não consigo ouvir o que você diz.

*Trecho do livro: O Espírito das  
Catedrais*

**E**le caminhou lentamente até o púlpito. Ajeitou o microfone até sua altura sem olhar para os fiéis. Abriu a bíblia no Capítulo 3 do livro de Marcos. Seu roteiro de condução do culto da manhã ainda estava ali. Deixou-o de lado. Não iria pregar naquela noite.

Só agora olhou para os fiéis.

— A paz de nosso Senhor Jesus Cristo. – falou.

— Amém! – a igreja respondeu em coro.

Parou um segundo, antes de começar a falar, olhou os fiéis. Viu o Seu Joaquim, Dona Verônica, O Pastor José Pereira, e todos os outros. Os jovens, os adolescentes, as crianças, os idosos. Todos estavam ali, todos estavam esperando ele falar. A atenção da igreja toda estava nele. O teto da Igreja era alto e isso possibilitava ele poder observar todos de perto ou de longa distância.

Não sabia se estava tomando a decisão certa, não sabia se iria se arrepender, mas não podia mais ficar como estava. Algo precisava mudar em sua vida.

Tomou coragem e falou para a Igreja:

— Caros Irmãos, tenho acompanhado o caminhar da grande maioria de vocês. Muitos irmãos aqui, quando eu os conheci, eram jovens e hoje já são pais. O tempo passa rapidamente e quando menos vemos, já existem pessoas nos chamando de “pai” e de “tio” e isso, vou confessar para vocês, me deixa preocupado. Fico pensando em “quanto já estou velho”. Mas tudo bem, o que me consola é saber que existem irmãos mais velhos que eu.

A Igreja sorriu pois ele deu uma olhada marota para o Pastor José Pereira.

— Mas mesmo assim, — continuou — chega-nos um momento em que precisamos parar e pensar um pouco. Precisamos descansar e para isso precisamos nos afastar um pouco. Certa vez li em um livro que David Wilkerson falou: “Todo homem precisa passar pelo deserto”. Hoje eu entendo o que ele queria dizer com isso. Ele precisa ficar um pouco só, precisa de um descanso. Portanto irmãos, gostaria de lhe informar que dentro deste mês não vou estar envolvido nos trabalhos da igreja pois estarei de férias. Neste tempo vou estar orando por vocês e também vou estar em casa, caso queiram falar comigo.

Ele esperava uma reação da igreja, mas esta não veio.

Passou a palavra ao Pastor José Pereira e sentou-se ao lado de sua esposa, Simone.

O Pastor José Pereira deu início à pregação da noite. Mas ele não foi capaz de acompanhar. Estava mergulhado em seus pensamentos.

“O que há de errado?” pensava consigo. “Dizer para a Igreja que precisava de férias. Onde estou com a cabeça?”

Parecia que uma nuvem de dúvidas pairavam em sua frente. O que estava acontecendo? Havia perdido a fé? Não era possível. Ele era o Pastor, mas por que então estava sentindo este vazio tão grande. Por que parecia que ele estava “seco” por dentro? Onde estava a “água de vida”? Onde estava os “rios transbordantes”? Onde estava o “fogo do espírito”?

Algo estava errado. Ele não podia negar, algo estava errado. Não era mais o mesmo, parece que o primeiro amor havia ido embora, estava fazendo os trabalhos da igreja apenas por obrigação. Não encontrava mais prazer nestes trabalhos. A Igreja não reagia. Seria apenas isso que Jesus queria de nós? Só isso que os cristãos precisam fazer? Apenas alcançar este estágio e tudo pára aí?

“Meu Deus! Quantas dúvidas! Onde estão as respostas?”

Precisava mesmo de férias. Precisava parar um pouco e entender o que estava acontecendo. Não era tão inabalável quanto achava que era. Algo estava errado. Precisava entender o que era.

Quando falou com o Pastor José Pereira e lhe pediu umas férias. Não sabia qual seria a reação dele, mas por incrível que pareça ele sorriu e disse que ele podia gozar das férias sem problema nenhum. Isso foi bom, agora ele precisava colocar seus pensamentos em dia. Tinha que buscar uma resposta para os acontecimentos recentes. Iria buscar uma resposta. Tinha que ter uma resposta! Tinha que ter uma explicação, pois as coisas não podiam mais ficar como estavam.

O Primeiro dia de férias sempre é maravilhoso. Ele acordou tarde. O Sol estava “rachando” lá fora. Levantou-se e foi até o banheiro. Ligou a água da banheira e entrou. Ficou lá por uma meia hora fazendo hidromassagem e não pensando em nada de importante.

Quando julgou suficiente a massagem da hidro, saiu. Trocou de roupa e desceu para a cozinha. Tomou seu café maravilhosamente bem e pegou o jornal. Leu sobre os fatos atuais. Mas principalmente sobre o Corinthians. Estava indo de mau a pior neste campeonato. Tinha que mudar. A Contratação de um novo técnico talvez fosse a solução, mas ele não estava apostando muito nisso, não.

Quando cansou a vista de tanto ler o jornal, encostou melhor a cadeira e ficou a contemplar a piscina. Esta estava limpa e lhe convidando para um mergulho. Mas não o fez. Caminhou até a garagem e constatou que um dos carros não estava lá. Simone já havia ido para o trabalho.

Caminhou até a cozinha e pegou o telefone e discou um número conhecido.

— *Alô?* – disse uma voz do outro lado da linha.

— *Washington?*

— *Ele.*

— *Washington, aqui é o Pastor Fernando.*

— *Oi Pastor, A paz do nosso Senhor.*

— *A paz.*

— *Pois não, Pastor?*

— *Washington, estou precisando que alguém venha aqui em casa lavar o meu carro. Você tem algum tempo hoje?*

— *Tenho, tenho sim. Pode ser às duas?*

— *Tudo bem. Então eu lhe espero. Às duas.*

— *Tudo bem, então. Até mais tarde, Pastor.*

— *Até mais tarde.*

Desligou o telefone e caminhou até o escritório. Tinha muita coisa para ver nestas férias, a começar, dar uma organizada no escritório. Queria aproveitar todos os momentos. Não iria deixar os dias de férias simplesmente voando.

**E**le estava desesperado, caminhou pela rua apressadamente, o sol estava quente, e seu chinelo mais parecia uma borracha derretida contra o asfalto quente. Dobrou a esquina, lá estava ele.

Uma multidão estava ao redor. Não podia acreditar que aquilo estava acontecendo.

“Por que isso tudo não é um sonho?” pensou consigo enquanto caminhava apressadamente.

Foi pedindo licença entre a multidão. Ainda restava uma ponta de fé que não seria verdade.

— Meu Deus do Céu! Meu filho, não! Meu filho não! Meu filho, não! – Gritou ele.

Não tinha mais como enganar-se. Os traços do filho eram latentes. Pegou-o nos braços e o abraçou.

Ele estava frio.

A multidão continuou a observar. Estavam todos olhando a cena que se desenrolava diante dos olhos. Era mais uma triste cena do dia a dia.

Um pai com o filho morto nos braços.

Muitos choraram, apesar de saberem que o rapaz não valia nada. A cena de um pai com o filho drogado nos braços chorando como uma criança, doía muito.

Alguns saíram de perto. A cena era muito pesada. Mas outros ficaram ali, observando o pai e o corpo do rapaz cravejado de balas.

— A vida é muito dura. A vida é muito dura, e as vezes, não vale nada. – disse alguém.



O Pastor Fernando iniciou a limpeza do escritório. Começou a organizar os livros por ordem de importância. Seu escritório era invejável. Prateleiras enormes abrigavam livros caros e bonitos. A escrivaninha havia sido confeccionada sob encomenda. Simone disse que deveria combinar com a decoração. Tudo se encaixava perfeitamente. A mesa, as cadeiras, o abajur, o computador e tudo mais.

— Bem, vamos começar por onde? – perguntou ele a si mesmo.

Caminhou e sentou-se na escrivaninha. Achou melhor começar pelo gaveteiro. Abriu a primeira gaveta e viu uma quantidade de papéis. Juntou tudo, jogou sobre a escrivaninha e começou a separar o que era útil do que não era.

Não demorou muito para encher a lixeira de papel e esvaziar a grande maioria das gavetas.

As horas foram passando sem que ele desse conta. Só olhou para o relógio porque sentiu fome.

O relógio lhe disse que já eram 12:20h. Decidiu descer e comer alguma coisa.

Quando chegou na cozinha ouviu o som do carro da Simone chegando na garagem.

Foi recebê-la.

— Onde estava? – perguntou.

— Fui no curso de Conservas. Lembra que eu lhe falei?

— É mesmo. Eu havia me esquecido. Como foi lá?

— Bem, ainda não acabou, mas está legal até agora. Já almoçou?

— Ainda não. Ia procurar alguma coisa agora.

— Agüente mais uma meia hora que eu preparo alguma coisa.

Os dois entraram na cozinha. Ela colocou a bolsa sobre a mesa e foi lavar as mãos, ele seguiu para a sala e ligou a TV. Estava passando o jornal do meio dia.

O camburão seguia para o IML. O motorista estava absorto em seus pensamentos. Havia muitas contas para pagar, mas o salário ainda não havia sido pago. Pensou na sua filha, Mônica, pensou na sua esposa Célia e na sua amante Maria. Não via a hora de receber o salário para poder gastar dinheiro com as três.

Assim, em seus pensamentos, ele não dava muita importância para o senhor de mais ou menos sessenta anos que estava sentado ao seu lado. De tempos em tempos ele olhava para o velho senhor para certificar se de que em seu rosto ainda rolavam as lágrimas pela perda do filho.

Queria tentar adivinhar o que o velho estava pensando. Todos os dias era a mesma coisa, mortos em todos os lugares, atrocidades, maldades e tudo mais, sempre trazia algum parente dos mortos na sua cabine. Só que naquele dia em especial ele sentiu muita pena do velho. Nunca foi dado a começar conversa nenhuma, mas naquele dia atreveu a perguntar ao velho:

— Era o seu filho, Sr.?

O velho enxugou as lágrimas que corriam pela face e olhou nos olhos do motorista. Num olhar que mostrava tristeza e desespero.

— Era. Era o meu caçula.

O motorista pensou em continuar a conversa mas vendo a dor do velho preferiu continuar a dirigir.

— Fico pensando, em, como é que eu vou contar isso para minha mulher. – disse o velho.

O motorista pensou na filha Mônica, estava com doze anos. Por um segundo atreveu-se a pensar em sua vida sem ela. Foi o pior segundo da sua vida. Tentou compreender o drama que o velho estava passando. Achou melhor pensar em outra coisa.

**O** Pastor Fernando sentou-se na mesa. Fez sua oração de agradecimento e começou a comer.

— Estou dando uma organizada no escritório. – disse para Simone.

— Você? Não acredito! – sorriu ela.

— Ué? Por quê? Como o escritório é meu, nada mais justo do que eu dar uma organizada nele.

— Tudo bem. Não sou contra, mas já faz um bom tempo que você não faz isso, não é?

Ele sorriu.

— Já enchi umas três latas de lixo.

— Que tantos papéis são estes, que você já encheu as lixeiras?

— A grande maioria é só pedidos de oração ou carta dos irmãos.

— E você vai jogar tudo fora?

— Ah, não adianta eu ficar com eles, vai mudar alguma coisa? Nada. Eles ficam apenas ocupando espaço e trazendo sujeiras.

— Que horas você levantou-se hoje? – disse ela mudando de assunto.

— Umas dez, acho.

— O Leonardo ligou.

— Aé? E o que ele contou?

— Disse que trocou o carro e vai passar o fim de semana aqui. Ah, vem trazer a nova namorada para a gente conhecer.

— E a mãe dela vai deixar ela vir sozinha com ele?

— Não sei, mas acho que vai.

Ele tentou digerir isso.

— Nossa! Ela vai viajar sozinha com ele?

— Acho que vai. Por que?

— Isso é muito estranho, quantos anos ela tem?

— O Leonardo disse que ela tem 21.

— 21? Ele tem 23 e ela 21?

— Bem, se eu tivesse uma filha com 21 também não deixaria viajar sozinha com o namorado.

— Simone, o Leonardo conversa mais com você do que comigo, me diga uma coisa, ele ainda é virgem?

— Ah, Fernando, ele não fala isso para mim, né?

— Mas devia, né.

— Você como pai, devia sentar com ele e conversar sobre isso.

Pastor Fernando ficou pensando um segundo. É, realmente isso era um papel dele. Prometeu a si mesmo fazer isso quando o Leonardo chegasse.

— Vou falar com ele sobre isso.

— Tudo bem, mas vá com calma, vocês sempre acabam brigando, não é?

— Tá bom, eu vou com calma.

A campainha tocou. Simone foi ver quem era.

— Washington! – disse ela para um homenzinho de média estatura e magro que esta diante dela.

— A Paz do Senhor, dona Simone.

— A paz.

— O Pastor Fernando está?

— Está, está sim. Fernando? Fernando?

O Pastor Fernando foi até a porta.

— Oi, Washington — saudou o pastor. — Tudo bem? Mas já?

— A paz do Senhor, Pastor. Pois é, acabei adiantando um serviço e estou livre.

— A paz. Entra.

— Não, Pastor Fernando. Obrigado. Posso já ir começando?

— Começando? – indagou Simone.

— Claro, pode sim. Eu pedi para o Washington lavar o meu carro.

Washington caminhou até os fundos da casa e pegou o material necessário para a lavagem do veículo.

O Pastor Fernando pegou as chaves e tirou o carro da garagem. Levou para o gramado ao fundo do quintal.

Voltou para a cozinha e terminou o almoço.

**D**e depois de deixar o corpo para o exame do IML, o velho senhor assinou uns papéis e deu o nome da funerária para que o corpo fosse levado.

Caminhou até o ponto de ônibus e aguardou meia hora até este chegar.

Entrou e pagou a passagem.

Durante este tempo, ficou pensando nas formas para contar a sua esposa o que havia acontecido. Pensou em um monte de formas, mas o que ele queria mesmo era não ter de contar nada.

Quando deu conta, já estava no ponto onde devia descer.

Caminhou até seu pequeno casebre. Sua casa estava precisando de uma nova pintura, e há dias ele havia prometido fazer isso. O dinheiro da venda do papel e do alumínio não era suficiente para a compra da tinta, mas estava guardando. Agora não iria conseguir mesmo, pois o custo do caixão é muito alto.

Seu carrinho de coletar papel e alumínio estava ali no lugar de sempre. Assim que atravessou o portão Tino veio lhe receber.

Acariciou o cachorro e tentou esquecer a realidade por um segundo. Entrou na casa. Ao fundo ele podia ouvir sua esposa Maria cantarolando.

Fechou os olhos e respirou fundo.

Lembrou-se que estava no bar, estava tomando uma cachaça e conversando com uns amigos quando um jovem passou correndo pelo bar.

— Os home tão dando tiro nos maconheiros lá da praça escura.  
– disse o jovem ofegante.

Naquele momento ele pensou no seu filho Arildo.

Ultimamente Arildo andava com uns outros rapazes “barra pesada”. Mas Arildo dizia que estava tudo bem. E realmente estava tudo bem nos três primeiros meses, Arildo continuava a trabalhar e a coletar papel numa boa, mas alguns tempos depois seu comportamento começou a alterar. Começou a aparecer com mais dinheiro, comprou umas roupas novas, uns tênis novos, mas aos poucos as roupas, os tênis foram sumindo. O dinheiro foi sumindo, vendeu seu carrinho de coleta. Quase não aparecia em casa. Quando aparecia, pedia dinheiro.

Ele teve que admitir, Arildo estava se envolvendo com drogas. Estava usando droga, no começo ele estava até traficando, mas quando os traficantes viram que ele estava consumindo muito, não deixaram

mais ele vender. Assim, Arildo começou a roubar para sustentar o vício.

“Mas o que a gente pode fazer?”

Sabia que o fim iria ser deste jeito. Mas não nesta hora.

Tomou coragem enfim e caminhou até onde sua esposa estava. Sentiu uma queimadura no rosto, passou a mão e notou que estava chorando novamente.

Ela o olhou.

— O que aconteceu José?

Ele não conseguia falar.

— Fala homem, o que aconteceu?

— Maria...

— O que foi?

— Maria, o nosso menino...

— Ai, José! Não fala!

— Mataram ele, Maria...

— Pelo amor de Deus!

— Mataram ele, Maria... mataram nosso menino!

— Não o meu menino! Não!

José caminhou até onde Maria estava e segurou-a nos braços. Ela estava descontrolada. Ele sabia que a saúde dela não estava bem, mas depois desta notícia, ele não sabia o que poderia acontecer.

— Fala que é mentira, José!

— Não, Maria, não é.

— Fala que é mentira! Por favor!

— Maria, escuta...

— Não o meu menino! Não!

Aos poucos, os vizinhos começaram a aparecer, alguns já sabiam o que havia acontecido, mas outros ainda não.

Maria continuava inconsolável.

— Eu quero ver o meu menino, onde ele está? Onde ele está? Eu quero ver meu menino!

José tentou ser forte, mas estava com o seu interior completamente destruído. Foi o pior dia de sua vida.

O Pastor Fernando voltou para o Escritório e continuou a difícil tarefa de colocar as coisas em dia.

Foi “fuçando” uma gaveta, depois outra e as horas foram passando. Ficou absorto em seus pensamentos até ser interrompido pelo Washington.

— Pastor Fernando?

Parou a faxina na gaveta.

— Fala, Washington.

— Já terminei de lavar o carro, o Pastor quer que eu faça mais alguma coisa?

Ele pensou por um segundo nas coisas que ainda necessitavam de conserto.

— Não Washington. Acho que por hoje é só isso.

— Então eu vou andando, que tenho que terminar um serviço lá em casa.

O Pastor se levantou e foi até onde o Washington estava.

— Então tá bom. Por hora, obrigado.

Ambos se cumprimentaram.

Washington seguiu o caminho até a rua. Fechou o portão atrás de si e seguiu rumo à sua casa.

“Não custava nada me dar um trocado né, Pastor?” ficou pensando enquanto seguia seu caminho com os bolsos vazios.

O Pastor Fernando voltou para as gavetas.

Férias era tudo o que ele precisava mesmo. Não tinha hora para terminar a limpeza nem hora para prestar conta para ninguém. Era dono do seu próprio nariz. Isso era muito bom. O único incômodo era este pensamento que ia e vinha, lhe dizendo que algo estava errado.

Folheando uns papéis encontrou uma pequena caixa.

Ficou intrigado, pois não se lembrava dela. Abriu-a e encontrou uma pequena caderneta gasta pelo tempo.

A sensação foi como se uma balde de gelo caísse no seu colo. Era a sua caderneta! A caderneta que ele mantinha todos os dias, quando era jovem.

Achou que havia se perdido quando ocorreu a mudança do outro bairro para esta casa. Procurou-a por diversas vezes, mas sempre sem sucesso, e agora estava ela ali diante dos seus olhos.

Procurou uma brecha sobre a mesa cheia de papéis e abriu a caderneta.

Foi como se o passado voltasse num estalar de dedos. Começou a ler suas notas e seus apontamentos e mergulhou na sua própria juventude novamente.

*“15 de Março de 1969 – Hoje é a festa do meu aniversário. Completei 16 anos. Fomos na igreja. Papai convidou muitos amigos e compadres para a festa. Aconteceu um negócio estranho hoje. Quando voltávamos da igreja, estava o maior calor e a poeira da estrada era muita. O Pastor Zeca passou com o carro em alta velocidade buzinando. Eu não acho nada de errado ele ter um carro, mas por que ele não usa o carro para levar as irmãs mais velhas da igreja. Tem uma senhora de setenta anos que anda quase vinte quilômetros para ir à igreja. Por que ele não usa o auto dele para levá-la? Não custa nada, né?”*

*“03 de Junho de 1971 – Beije a Margarida pela primeira vez.”*

*“11 de Julho de 1973 – Hoje foi a excomunicação do Irmão Firmino. Ele separou-se da esposa e a igreja achou melhor excluir ele do hall de membros. Fico pensando se esta foi a melhor atitude que a igreja poderia ter tomado. Espero que seja.”*



**E**le ficou lendo a caderneta e até esqueceu da faxina. Quando olhou pela janela já estava escuro. Parou a leitura e caminhou até a cozinha para comer alguma coisa. Simone já estava em casa. A janta estava quase pronta.

— Nossa, perdi a noção do tempo. – disse ele.

— Terminou a faxina? – quis saber ela.

— Ainda não. Acho que vou continuar amanhã.

Caminhou até a sala e ligou a televisão. Estava na hora do jornal novamente.

O Corpo de Arildo chegou às 17:00h. Pouca gente ficou velando junto com a família. A maioria eram curiosos e pessoas da vila que conheciam mais o “maconheiro” do que o garoto Arildo.

As vezes você podia ouvir um: “Só podia ser este fim mesmo!” ou “Eu avisei! Eu avisei!”

José estava sentado perto da porta da sala. Observando o corpo do filho pela última vez.

Foi um dia terrível para ele, mas a noite ainda prometia.

Maria, sua esposa, ficou a noite toda acariciando o rosto do filho e falando com ele.

José, tentava se controlar, mas vendo sua mulher conversando com o filho e não recebendo resposta as perguntas, fez seu coração ficar tão dolorido que pensou em se jogar na frente de um carro e acabar com o próprio sofrimento.

“Por que isso tinha que acontecer com o meu filho?” perguntava a si mesmo. “Será que vamos ter esta vida desgraçada para sempre?” “Por quê? Por quê?”

A noite toda Maria ficou falando com o filho. José se levantou algumas vezes para fazê-la descansar um pouco. Mas foi inútil. Nem sentar ela quis.

Um vizinho lhe disse que o enterro iria ser de manhã, pois o corpo no atual estado, não podia ficar muito tempo exposto.

José saiu um pouco e constatou que já estava amanhecendo. Logo ele veria o filho pela última vez.

Caminhou até uma árvore no fundo do terreno. Encostou-se e chorou amargamente.

— Por que Deus se esqueceu de mim? – falou baixinho.

O Pastor Fernando acordou maravilhosamente bem novamente. E, mais uma vez tomou um delicioso banho de banheira. Quando constatou que a água estava boa. Desistiu da hidromassagem e pulou na piscina.

O café estava posto na mesa da varanda e Simone estava tomando-o.

Ela levou uma torrada para ele, que a recebeu na piscina.

— Você não quer entrar um pouco? A água está maravilhosa.

— Não, meu amor. Obrigada. Acabei de fazer uma escova, e se eu molhar, vou perder todo o dinheiro que usei para fazer o penteado.

— Mas para que este penteado? Vai a algum lugar?

— Não, mas você esqueceu que o Luiz e a Helena vem jantar aqui hoje?

Pastor Fernando lembrou-se repentinamente do convite que havia feito ao Luiz e a Helena quando se encontraram no mercado.

— Nossa! Eu me esqueci.

— Não acredito!

— Esqueci. Esqueci mesmo!

— Você comprou o...

— Esqueci! Vou ter que ir agora lá no mercado.

Luiz era uma bom apreciador de vinhos. Pastor Fernando queria impressionar Luiz e por isso disse que iria comprar um vinho muito bom. Mas até isso ele havia esquecido.

Saiu da piscina. Secou-se, sentou-se na mesa e tomou o café apressadamente.

Simone chamou a empregada e esta recolheu a mesa.

O Pastor Fernando voltou para o quarto. Trocou de roupa, ao passar pela porta do escritório, lembrou-se da faxina que ainda estava pela metade. Voltou e fechou a porta.

— Só mais tarde! – disse para si mesmo.

Pegou a chave, foi até onde havia deixado o carro para o Washington lavar e saiu.

A funerária seguia o caminho lentamente. José notou que Maria estava com umas olheiras enormes, conseqüência da falta de sono, mas não lhe disse nada. Sabia que o momento era muito duro para se perder tempo com isso.

Não demorou muito para chegarem ao cemitério.

Uns poucos vizinhos e amigos estavam presentes.

Os agentes funerários levaram o caixão até a cova EAS1002.

O buraco estava cavado.

Como não tinham dinheiro para muito luxo. José fez o enterro no mesmo terreno onde havia a cinco anos atrás, enterrado o pai.

Um padre que estava no cemitério atendendo a outro velório, se compadeceu e disse umas poucas palavras sobre o morto.

Os agentes funerários foram descendo o caixão. Em poucos minutos uma pá com terra, depois outra, outra e outra e ali ele estava depositando a sua própria geração. O seu sobrenome estava sendo enterrado ali.

Pensou que no futuro vindouro não mais teria ninguém para carregar o seu nome. Mas o que isso importava agora? Que adiantava alguém carregar um sobrenome pobre desses?

Maria estava mais forte um pouco. Já não estava chorando. Talvez ela tenha aceitado a situação. A vida continua, não é?

Ficaram ali até que a última pá completasse o enterro.

Os vizinhos e os poucos amigos começaram a ir-se para seus caminhos.

Uns curiosos ainda ficaram perambulando pelo cemitério.

José segurou o braço de sua esposa e seguiram para casa. Nada mais poderia ser feito. Nada mais iria mudar.

**P**astor Fernando procurou os melhores vinhos, mas não sabia qual era o melhor dentre eles. Uns eram secos outros suaves, outros muito caros, outros muito baratos.

— Na dúvida, leva-se o mais caro. – falou para si mesmo.

Pegou um “Silvester Real” e seguiu para o caixa.

Pagou-o e foi embora.

“Se o vinho não for bom, vai ser um problema, mas já que é caro, talvez seja bom. É vai ser bom! Safra de 1986. deve ser bom!” pensava enquanto dirigia.

Quando chegou em casa. Notou um casal parado em seu portão.

Estacionou o carro na entrada da garagem e se dirigiu até o casal.

— Pois não? – falou.

— Senhor, somos lá do outro bairro do Toalheiro e estamos precisando de uma ajuda. O senhor não teria aí, uma roupa velha ou uma comida que pudesse nos ajudar?

Pastor Fernando ficou olhando aquele casal mal vestido e cheirando à álcool.

— Não, não tenho nada.

O casal se entreolhou. Como um homem com um carrão daqueles, morando numa casa daquelas não teria dinheiro, ou alguma coisa para ajudar?

— Tudo bem, Deus te abençoe. – disse a mulher.

O casal caminhou para a casa vizinha.

O Pastor Fernando ficou parado por uns segundos observando o casal ir-se lentamente. Reparou que o homem estava mancando e observando melhor, notou que ele possuía uma grande ferida na perna. Poderia ser um tumor ou um câncer.

Sentiu um leve arrepio passar pelo seu corpo.

“Meu Deus! o que eu estou fazendo?”

**E**ntrou apressadamente. Caminhou a passos largos até o escritório. Ouviu Simone dizer algo, mas não compreendeu o que era. Não deu muita importância naquele momento.

Abriu a gaveta onde estava a caderneta. A lembrança daquele dia foi como um relâmpago.

Folheou apressadamente a caderneta até achar a data.

*“18 de Novembro de 1978 – Talvez eu esteja errado, mas eu quero ser um Pastor. Se esta for a vontade de Deus para a minha vida, eu tenho certeza que ele vai me permitir Pastorear uma parte do seu rebanho. Não quero fazer nenhuma crítica, mas quero que isto sirva para mim mesmo. Um dia eu irei ler estas linhas e talvez eu diga: “Eu estava certo.” E espero que isso aconteça. Quero ser um Pastor, mas não como o meu Pastor Zeca. Quero ser como Cristo. Quero ir onde estão as prostitutas onde estão os presos e os doentes, pois não foram para estes que Jesus veio? Toda a vez que eu entro na igreja eu lembro do dia em que o “hall” de membros excluiu o irmão Firmino. Fico pensando que esta não era a melhor coisa que a Igreja devia ter feito. Se o irmão havia errado, por que não ajudarmos ele a ver o erro? Por que preferimos excluir ele da igreja? Acho que o mais importante é o nome da igreja e como ela é vista pela sociedade e pela cidade do que nos importarmos com as vidas que dela dependem. Isso foi um erro! Não devíamos ter agido desta forma. Por que esquecemos que Jesus morreu para salvar o irmão Firmino também? Por acaso estou mentindo? Jesus não veio para salvar ele também? Ai de nós, ai de nós, que como igreja não estamos agindo assim. Ai de mim, ai de mim se um dia for um Pastor e ficar preocupado mais com o “rótulo” do que com a missão de Pastor. Vou vigiar para que isso nunca aconteça.”*

Estas palavras escritas à pulso e à lápis foram mais edificantes do que todos os livros que estavam empoeirando nas prateleiras.

Pela busca constante e preocupação em completar os estudos no seminário e também de se estabelecer financeiramente, o Pastor Fernando havia esquecido de suas próprias palavras. Aquilo foi como se ele visse um adolescente cheio do Espírito Santo na sua frente lhe apontando o dedo e lhe dizendo: “Ai de você, Fernando, Ai de você que se preocupa em se estabelecer financeiramente e que carrega com tanto orgulho o nome de Pastor, e que por possuir uma infinidade de livros se acha conhecedor da verdade. Ai de você se esquecer de apascentar minhas pequenas ovelhinhas! Ai de você sendo um mísero

Pastor pensar que é o dono das ovelhinhas! Ai de você se não fizer o seu trabalho!”

Pastor Fernando leu novamente as suas próprias palavras. E suas próprias palavras serviram para martelar seu coração.

Olhou para todos os livros que estavam em sua prateleira, havia exemplares de todos os lugares do mundo, sempre que podia, comprava um livro novo para aumentar ainda mais sua coleção. Todos estes anos estudando e estudando tudo o que lhe enviavam, tudo isso não foi suficiente para ele compreender o quanto havia se distanciado do verdadeiro motivo pelo qual havia se tornado um Pastor:

Pastorear o rebanho.

— O que aconteceu com aquele garoto cheio de amor pelo evangelho ao ponto de abandonar tudo e ir até as ovelhas desgarradas? – perguntou a si mesmo. — Onde está aquele Fernando que chorava com os que estavam chorando e sorria com os que estavam alegres?

Ninguém precisava responder. Ele sabia o que havia acontecido consigo mesmo. Ele deixou os dogmas e os procedimentos da igreja absorvessem o verdadeiro amor que ele sentia pelo evangelho.

— O que eu tenho feito pelo evangelho? O que eu tenho feito? Apenas pregar aos domingos? Deus não precisa disso. Deus não precisa de uma pessoa que vá todos os fins de semana na igreja injetar uma dose de ânimo no seu rebanho! Deus não precisa que eu vá todos os domingos exortar a igreja. Ele precisa que eu ensine a igreja a andar com suas próprias pernas e que eu vá até onde estão os perdidos!

Pastor Fernando ficou admirando os livros enquanto falava isso. A grande maioria dos livros não agregava nada em sua vida e o pior, consumiu um tempo precioso dela.

Ali haviam, livros ótimos, como também tantas coisas inúteis que aos poucos os seus olhos começaram a arder e ele não pode se conter. Caiu de joelhos e chorou amargamente.

**J**osé deixou Maria em casa. Certificou-se de que ela estava bem e pegou seu carrinho para coletar papel e alumínio. Tinha que trazer o leite para casa, e precisava trabalhar.

Vestiu sua roupa suja de trabalho e saiu para coletar papel.

Maria caminhava pela casa totalmente desorientada. A falta de algo era latente. Algumas vizinhas apareceram e tentaram consolá-la, mas ela parecia em outro mundo. Sempre cuidou para que seu filho fosse um bom homem, quando ele entrou nas drogas, foi o início da tristeza. Não tinha muita voz de comando em casa, Arildo era tão esperto. Sempre lhe trazia um dinheiro e comida.

Por mais que ele estivesse errado, continuava a ser seu filho. Ela tinha esperanças de que ele iria sair das drogas. Algo lá dentro do coração de mãe dizia que ele iria sair desta.

Mas agora, tudo estava perdido. Ele não iria mais aparecer em casa. Ela não iria mais ouvir ele dizer: “Cheguei, mãe!”

Tudo agora era tristeza. Tudo agora seria diferente, mas ela não tinha mais como começar tudo outra vez. Não tinha mais forças. Restava apenas viver um dia de cada vez.

José passou novamente pelo lugar onde no dia anterior seu filho estava estirado e ensangüentado.

Ele ainda pode ver uma poça de sangue, já preta lá. Parou alguns minutos e ficou contemplando a imagem imaginária do filho.

Um caminhão buzinou e ele teve que tirar o carrinho do meio da rua. Teve que voltar para a triste realidade. Resolveu sair daquele lugar. Olhou ao longe uma caixa de papelão jogada na rua. Caminhou até lá. Desmontou a caixa e colocou-a no carrinho.



**S**imone passou pela porta do escritório e ouviu um murmúrio.

Entrou e encontrou Fernando de joelhos no chão, chorando. Caminhou até ele e o abraçou.

— O que foi, meu amor? – perguntou com todo o carinho.

O Pastor Fernando disse, ainda chorando.

— Ai de mim! Ai de mim!

— O que foi? – indagou ela mais curiosa.

— Ai de mim, Si, Ai de mim. Deixei o Senhor para aceitar as filosofias de homens!

Simone ajudou o Pastor Fernando a se levantar e assim que ele sentou-se na cadeira ela perguntou.

— O que houve? O que aconteceu de errado?

O Pastor lhe estendeu a caderneta. Aberta onde ele fez as anotações de 18 de Novembro.

Ela leu, mas ainda ficou sem entender.

Seu olhar indagador ainda estava sobre ele.

— Você não entende, Simone? Você não entende? Eu me transformei no Pastor Zeca. Um Pastor que eu repudiei um dia! Eu acabei me transformando nele! Sou assim! Preocupo-me com o meu bem pessoal e com a minha família apenas. Esqueci que o Senhor me deu autoridade e me deu obrigações. Esqueci que ele me fez Pastor para cuidar do seu rebanho e cuidar dos que ainda não são seu rebanho. Mas o que eu tenho feito? Eu tenho cuidado apenas de mim mesmo. Olhe para esta estante. Tantos livros, tantos textos, mas eu estou esquecendo do principal livro, estou esquecendo do principal texto.

— Mas por que você está dizendo isso? Você nunca nos deixou faltar nada. Você sempre foi um bom marido e um bom pai.

— É isso, exatamente isso o que eu tenho sido todos estes anos. Pai e marido! Mas não é isso que eu quero. Sabia que este esgotamento que eu estava enfrentando era por alguma causa. Agora eu sei. Deixei de fazer o que eu mais amo. Levar a salvação até os perdidos.

— Por que você diz isso? Você é um ótimo Pastor também.

— Simone, isso eu não sou. É muito fácil você chegar na frente de uma igreja e falar do amor de cristo para aqueles que já sabem disso. É muito fácil carregar Jesus no peito. Mas o difícil é ter peito para andar com Jesus! Quantas vezes eu aceitei o desafio de ir levar o evangelho para fora dos portões da igreja? Quantas vezes eu paguei o preço para pregar o evangelho? Quantas vezes as pessoas vieram até nós e nós ignoramos seu pedido de ajuda?

— Mas nós ajudamos tantas pessoas...

— Ajudamos, mas tantos também ignoramos! Este irmão Firmino, que eu escrevi aqui na caderneta, ele se separou da esposa e a igreja ao invés de falar com ele e ajudá-lo para saber o que estava acontecendo, achou melhor excluí-lo do hall de membros, pois ele era um escândalo para a igreja. Quantas vezes Jesus excluiu uma pessoa, Simone? Nunca! Jesus morreu por ele também! E o que nós temos feito hoje? Apenas seguir os estatutos e os procedimentos da igreja. Jesus nunca nos deixou nenhum estatuto quanto à ajudar alguém. Muito pelo contrário, ele morreu por isso!

Simone ficou em silêncio. Apenas compreendendo as palavras que Fernando falava. Eram palavras duras, mas verdadeiras. Ela mesma havia se preocupado mais consigo mesma do que com as irmãs da igreja.

Deus tinha que mudar muitas coisas naquela casa. Aliás, ele já estava começado.

**J**osé parou em frente a um restaurante. Seu carrinho já estava pela metade. O peso havia redobrado, mas ele ainda tinha a tarde toda para trabalhar, à julgar pelo peso, já tinha ali uns 10,00\$ sendo que metade gastaria em pão e leite.

O cozinheiro do restaurante saiu e lhe entregou-lhe um pouco de comida num saco plástico.

— Deus te abençoe. – disse para o cozinheiro mas ele não fez questão de ouvir.

José olhou para o outro lado da rua e viu uma menina sentada. Olhando curiosa para ele. Ele caminhou até onde ela estava e lhe ofereceu um pouco de comida. Ela aceitou e assim, os dois almoçaram.

— Como é o seu nome menina? – perguntou ele.

— Denise. – respondeu ela com uma voz doce de criança.

— Onde está a mamãe?

Ela mostrou as palmas como se não soubesse.

— E o papai? – indagou ainda.

— Papai foi tchau, tchau. – respondeu ela.

José sorriu. Conhecia esta realidade melhor do que ninguém. Quantas e quantas crianças ele encontrava na rua. Seu sorriso foi se desfazendo a medida em que ia imaginando o futuro desta criança, amanhã estaria cheirando cola, depois se prostituindo para conseguir dinheiro, depois as drogas, e por fim, numa poça de sangue destruindo todos os sonhos.

Não deixou-a ver, mas lágrimas rolaram dos seus olhos enquanto via ela alimentar-se com tanta voracidade.

Por fim, levantou. Cumprimentou-a e foi embora. Pelo retrovisor improvisado do seu carrinho de pegar papel, ele pode ainda vê-la dando tchau distraída.

**P**astor Fernando e Simone ficaram orando por mais um tempo. Foi uma sensação maravilhosa. Deus se fez presente naquele momento.

Ambos se levantaram revigorados. Precisavam rever algo em suas vidas, e naquele dia eles iriam começar a fazer isso.

Simone voltou para a cozinha e terminou de preparar o almoço.

Ambos almoçaram e o Pastor Fernando voltou para o escritório. Desta vez terminou a faxina.

A tarde foi correndo tão rápida que ele nem notou que havia chovido.

Tomou um banho e ajudou-a na preparação da janta.

Às 19:00h o casal Luiz e Helena chegaram.

A Mesa já estava posta.

Se cumprimentaram e foram para a cozinha. Simone já serviu o jantar.

Fernando abriu o vinho. Luiz disse que era muito bom.

Jantaram maravilhosamente bem.

Após o jantar, Fernando levou Luiz para a Sala enquanto as mulheres cuidavam da louça.

— Mas me conta como anda o ministério Pastoral? Você vai na convenção de Pastores?

— Não, não estou sabendo desta convenção. Quando será?

— Você não recebeu o convite? Eu recebi no início da semana.

— Não, não recebi. Sabe que assunto será tratado?

— Ética Pastoral e Igreja em Células.

— Bem, me parece que vai ser bom. Você vai?

— Claro.

Ambos ficaram conversando por um longo tempo. Os assuntos variavam deste de Futebol até modelos de automóveis. Não tocaram em assuntos religiosos.

**J**osé chegou em casa trazendo em suas mãos um litro de leite, três pães e 13,00\$ que havia conseguido pela venda do alumínio e do papel. Sentiu um vazio ao entrar portão a dentro. Tido veio lhe cumprimentar, mas desta vez ele não conseguiu fugir da realidade.

Ao entrar porta adentro, encontrou Maria sentada e comendo alguns farelos de mandioca sentada a fitar um ponto no horizonte.

Pareceu-lhe que ela não havia notado sua presença. Mas ele errou.

— Esta casa ficou tão vazia, José. - disse ela.

— Eu sei, mulher. - respondeu ele.

A bem da verdade e que Arildo andava pernoitando em outros lugares recentemente, mas sempre se tinha a certeza de que ele estava vivo e que uma hora iria aparecer. Mas desta vez ambos sabiam que ele nunca mais iria entrar pela porta.

— Lembra quando ele me deu uma rosa pelo dia das Mães? - perguntou ela.

José limitou-se a concordar com a cabeça.

— Eu plantei ela ali no jardim. - continuou ela — Durante um ano ela deu flor, mas depois parou. Eu achei que havia colocado algum adubo estragado, mas não era isso. Decidi arranca-la e joga-la fora. E sabe o que eu consegui com isso?

José continuava mudo.

— Não consegui nada. e, ainda por cima, joguei fora um presente que o meu menino me deu.

— Mulher - José respirou fundo — não pense nisso agora. Vamos imaginar que onde Arildo está, e muito, melhor do que onde nos estamos. Pode ter certeza que ele está muito mais feliz lá do que aqui.

Ela fitou-o nos olhos.

— Como você sabe disso, José? Como você sabe disso?

José ficou sem respostas.

— Se onde ele estiver é melhor do que aqui, eu quero ir para lá também. Pois não tenho vontade de viver mais.

— Não fale isso, mulher! Não pense nisso! - José fitou-a e ficou em silencio por uns segundos. — Não é para isso que Deus nos criou.

— Então para que foi, José? Para que foi? Para sofrermos esta vida desgraçada que vivemos, sem dinheiro?

José ficou sem respostas, nunca desejou tanto poder responder a estas perguntas, mas não podia. Muitas vezes ele mesmo se questionava isso.

— Deus, por quê? Por que fizeste isso comigo? - disse Maria voltando a chorar.

— **E**u creio que Deus tem um plano para minha vida. - disse Luiz após digerir outro gole de vinho. — Sei que Deus me escolheu e ele tem abençoado minha vida para que eu seja um pastor de nome. Falo isso sem nenhum remorso ou egoísmo. Mas sou um escolhido. Acho que, antes de eu nascer Deus já havia traçado o meu caminho. E hoje só sou aquilo que ele quer que eu seja.

— Por que você fala isso? Por acaso você esqueceu das pessoas que ainda não conhecem Jesus? Nos devemos pregar para que elas venham a conhecer o evangelho. Isso e que e o plano de Deus para a nossa vida. Este e o ministério que Deus tem para nós.

— Meu caro Fernando. Paulo disse: Eu rego e outro colhe. Assim é conosco, minha função e regar. Não estou para plantar nem tão pouco para colher.

— Mas se você pensar assim, vai esquecer do mandamento de Jesus: Portanto ide e pregando a toda a criatura...

— Não estou dizendo que não estou indo. Mas quero completar. Sei que devo ir e pregar e estou fazendo isso, mas nós como pastores, como cabeças da igreja, devemos administrar o rebanho e não perder tempo com a função de diáconos e diaconisas.

— Não sei onde quer chegar Luiz, o que você quer dizer com tudo isso?

— Quero dizer que como pastores nos devemos nos preocupar mais com os assuntos econômicos e financeiros da igreja.

Fernando não podia acreditar que estava ouvindo isso, mas preferiu deixar o amigo falar tudo o que ele pensava a respeito do ministério pastoral. Não questionou nem argumentou mais, ficou apenas observando o amigo e vendo o quão vazio ele era. Agora começava a entender o tempo que havia perdido em se preocupando com os estatutos e as leis da igreja. Que a luz da bíblia, não incluía nada na sua vida espiritual.

Quando Luiz foi embora, sentiu um alívio tremendo. E, já deitado na cama pensava sobre o que havia acontecido no dia. “Ai de mim, Ai de mim!” lembrava sem parar.

Precisava fazer algo para mudar esta situação.

Simone caminhou e deitou-se ao seu lado.

— A Andréa me disse que o Roberto andou bebendo novamente.

Fernando ficou pensando naquilo. Roberto era um irmão da igreja que tinha este vício de bebida. Já havia falado com ele várias

vezes. Em todas ele pedia desculpas por ter se entregue ao álcool, mas sempre acontecia denovo.

— Outra vez? – indagou ele já sabendo a resposta.

— Pois é, ela me disse que ele chegou a ir na reunião de oração e fez o maior barraco.

— É mesmo, é? Não me diga.

— A sorte é que o Irmão José Pereira estava lá e ajudou a conter ele.

— Mas o que ele fez de mal?

— Bem, ela me disse que ele apontou um a um e foi falando tudo o que eles fizeram de errado. Foi contando todos os “podres” deles.

— E o que mais?

— Foi só isso. O Luiz não te contou isso não?

— Não.

— Sobre o que vocês ficaram falando?

— Sobre a convenção dos Pastores.

— Você vai?

— Ainda não sei, não recebi nenhum convite.

— Mas você tem que ir, você é importante para a convenção.

— Eu sei, mas não vou mover nenhum dedo até que alguém me convide.

Simone, ficou olhando Fernando até ele se ajeitar melhor na cama e se cobrir. Ela se ajeitou também e por fim apagou a luz do abajur.



**J**osé acordou com o grito.

O Som de tiros corria em todo o lugar.

Sentou-se na cama e olhou para Maria. Ela ainda dormia. Pediu a Deus para que o som dos tiros não acordassem ela. Mas não foi atendido.

— Que tiros são estes, José?

— Não sei, mulher.

José deitou-se novamente e aos poucos o som dos tiros foram sumindo. A tranqüilidade voltou. Tentou dormir, mas foi impossível. Nem ele nem Maria conseguiram voltar a dormir naquela noite.

Quando Simone acordou, estranhou a falta de Fernando na cama.

Levantou-se e sonolenta foi encontrar ele no escritório já organizando a papelada.

— Já acordou, meu amor?

— Oi, meu amor, bom dia. Já, já levantei. E olhe.

Mostrou um envelope que Simone não sabia do que se tratava.

— O que é isso?

— O convite para a Convenção dos Pastores. E eles querem que eu leve a palavra sobre a atitude atual dos Pastores. Ouça:

*“Caro Pastor Fernando,*

*Vimos por meio desta, solicitar a sua presença no IXX Convenção dos Pastores brasileiros que será no dia vinte e cinco de Março na Primeira Igreja Evangélica da República.*

*Pedimos além de sua presença, sua palavra e pregação quanto ao assunto ATITUDE ATUAL DOS PASTORES NO CONTEXTO GLOBAL.*

*Suas palavras serão de grande valia a todos.*

*Pedimos que confirme o recebimento desta, bem como a confirmação da sua pregação.*

*Gratos,*

*Secr. Convenção dos Pastores Batistas”*

— Você vai? – indagou ela.

— Vou.

— Já tomou café? – disse ela mudando o assunto.

— Já, está pronto lá no quintal. Está uma delícia.

Simone saiu e Fernando continuou a organizar a papelada do escritório.

**J**osé comeu o resto do pão amanhecido e trocou de roupa para começar mais um dia de trabalho, a falta de Arildo ainda era latente na casa.

O fato de estar fora o dia todo fazia ele esquecer um pouco os problemas, mas com Maria não era assim, ela ficava em casa e as lembranças eram mais vivas.

— Fui falar com Clotilde. – disse ela.

José engoliu seco.

— O que?

— Eu fui falar com a Clotilde ontem.

— Por que?

— Eu precisava ouvir algo. Eu precisava ouvir algo.

José não sabia o que pensar. Clotilde era uma bruxa e dona de um centro de umbanda. Maria sempre foi contra as atitudes dela, mas esta mudança repentina de comportamento o deixou preocupado.

— E o que ela disse para você?

— Ela disse para eu voltar lá hoje que ela iria receber o espírito do Arildo.

— Como?

— Ela tem este dom.

— E você acha isso verdade?

— Olha, eu não sei, mas vou ver.

— Mulher, não fique indo atrás disso, não vai amenizar nossa dor. É duro, eu sei, mas o Arildo não vai voltar para nós. Temos que continuar a viver.

— Eu sei, José, mas preciso acreditar em algo. Meu coração está muito machucado.

— Bem, faça o que você achar melhor.

José juntou a caneca onde tomava leite e colocou-a na pia. Pegou seu chapel e saiu.

— Estou indo. – ainda disse ao passar pela porta.

Pegou seu carrinho de coletar papel e começou a descer a rua sem rumo, procurando papel e alumínio para vender no fim do dia.

Maria ficou em casa lavando a pequena louça que havia sobrado do café. Às 13:00h iria falar com a Clotilde e se Deus quisesse, iria ser verdade e ela iria ouvir uma mensagem do Arildo.

— Venha almoçar. – disse Simone.

Fernando terminou de organizar os últimos papéis e deu por concluída a faxina no escritório.

Foi até a cozinha. Ligou a televisão e sentou-se na mesa.

O telefone tocou.

Simone foi atender e retornou com ele.

— È o irmão Neves. Ele quer falar com você.

Fernando pegou o telefone.

— Alô?

— *Pastor Fernando?* – perguntou a voz.

— Ele.

— *Pastor Fernando, aqui é o Neves.*

— A paz do Senhor, Irmão Neves.

— *A paz do Senhor, Pastor.*

— Diga-me em que posso lhe ajudar, Irmão.

— *Pastor, o senhor teria um tempinho para mim hoje? Preciso muito falar com o Pastor, mas tinha que ser particular.*

— Tudo bem. Tenho tempo sim. Quer marcar para agora à tarde?

— *Ai Pastor, muito obrigado. Eu quero sim. Então a tarde eu estarei ai.*

Simone ficou observando Fernando enquanto falava no telefone. Era muito orgulhosa dele. Lembrou-se de quando o viu pela primeira vez. Um jovem rapaz crente que queria mudar o mundo. Sozinho ele cuidava do grupo de Jovens da igreja. Mas apesar da pouca idade, ele tinha uma autoridade incrível com os jovens. Muitos deles, contavam com a coragem e com as palavras de Fernando como uma ajuda que não havia igual.

E agora ele estava ali, tentando consolar um irmão que estava preocupado e em apuros. A sua vida toda foi assim, com certeza será assim para sempre. Ele sempre irá ajudar alguém, esta é uma qualidade muito boa que ele tem.

Ele desligou o telefone e ambos voltaram para o almoço.

Às 16:00h o irmão Neves chegou.

Pastor Fernando foi recebê-lo e o conduziu para o seu escritório, feliz em saber que havia terminado a faxina.

Irmão Neves sentou confortavelmente na poltrona, enquanto o Pastor sentou-se na sua cadeira.

Simone havia saído para fazer umas compras no mercado. Estavam apenas os dois, assim teriam mais liberdade para conversar.

— Pastor, - começou ele — Tenho um assunto muito sério para falar com o senhor e muito triste também.

— Pode falar irmão, estou ouvindo. - disse o Pastor fitando os olhos preocupados do irmão Neves.

— E a minha filha.

— O que aconteceu?

— Bem, a Fernanda está grávida.

O estômago do Pastor gelou.

Fernanda era uma garota que ele conhecia desde a infância. Ela sempre foi muito religiosa e espirituosa. Lembrou-se de quando ela era pequenina e vivia lhe trazendo bilhetinhos de carinho e atenção.

Aos poucos Fernanda foi crescendo, transformou-se numa moça bonita e inteligente. Passava a grande parte do tempo estudando, e até semana passada, quando havia falado com ela, estava se preparando para o vestibular de direito.

— Me conte como aconteceu tudo. - disse ele, tentando permanecer calmo.

— Bem, à uns dias... para falar a verdade há um mês ela estava namorando um garoto, o Júlio, sabe, ele sempre estudou com ela, mas ele não é crente. Bem, Fernanda sempre saía com ele e ele sempre deixava ela em casa no horário e sem nenhum problema. Há mais ou menos uns quinze dias ela começou a se comportar diferente, sabe já não era mais a mesma, estava se distanciando de nós. Bem, a princípio eu pensava que era por causa dos estudos e não me preocupei muito, mas ontem quando cheguei em casa, depois do serviço eu encontrei ela e a mãe sentadas na cozinha. O clima parecia de velório. Perguntei o que havia acontecido e elas me mostraram o exame de gravidez. Não sei o que fazer agora, estou morrendo de vergonha, como é que eu vou voltar à igreja depois disso?

Pastor Fernando ficou pensando uns instantes no que iria dizer para o homem que já estava chorando. Primeiro pensou no que ela fez, depois no que a igreja iria dizer disso e por último no que ela estaria passando.

— Bem, realmente é uma coisa dura de se encarar, mas não podemos mais voltar a trás. Já aconteceu...

— Estou pensando em sair da igreja. – interrompeu o Irmão Neves.

— Bem, irmão, acho que sair da igreja não vai resolver o problema. A Fernanda está grávida, dentro de nove meses teremos mais um na família, mas temos que contornar esta situação agora.

— E o que iremos fazer?

— Bom, a decisão não depende de mim, tenho que falar com o Pastor José Pereira e também com a igreja. Sei que houve um erro, temos que admitir que houve um erro, mas temos que perdoar e orar para que Deus nos dê sabedoria para resolvermos este problema. Vamos orar e vamos colocar isto diante dos outros irmãos. Iremos encontrar o melhor caminho e a melhor solução. Tenho certeza que Deus tem misericórdia e irá nos ajudar.

— Sabe Pastor, estou me sentindo humilhado. Eu falava tanto para ela, me preocupava tanto com isso, e agora minha filha está...

— Não se culpe por isso. As coisas acontecem. Devemos evitar, mas não podemos esquecer que Deus nos perdoa dos pecados e nos dá uma nova chance para podermos seguir suas palavras. Não se sinta humilhado nem tão pouco com vergonha, Jesus está conosco nos momentos de felicidade e nos momentos tristes também. Vamos ter que encarar o olhar dos outros irmãos, mas não podemos deixar de clamar o Senhor, ainda mais agora.

O Pastor Fernando e o irmão Neves oraram sobre o assunto. Clamaram a Deus para dar sabedoria e misericórdia sobre este problema. O Pastor realmente se compadeceu deste problema, isso nunca havia acontecido na comunidade antes. Ele considerava Fernanda como sua própria filha, agora tinha que encarar o problema como se realmente fosse o pai. Não iria sair de fininho. Iria junto com o irmão Neves e toda a sua família buscar a misericórdia de Deus.

Ele era o Pastor e não iria abandonar suas ovelhas desgarradas.

**J**osé trabalhou o dia todo. Mas também ficou pensando em Maria o dia todo também.

Não sabia se ela estava agindo certo ou não. Será que realmente seria melhor mexer nesta colmeia novamente? Tudo bem, tinha que aceitar e respeitar a dor dela neste momento, mas será que seria o melhor caminho?

Ficou pensando nisso o dia todo, até mesmo dor de cabeça isso lhe deu.

O carrinho não demorou muito para encher e já foi-se retornando para o depósito. Novamente a rotina e pegar o dinheiro e comprar leite e pão.

Sentiu por um instante uma tremenda falta de Arildo. Lembrou-se que nunca mais iria conversar com ele novamente. Nunca mais iria perguntar-lhe a respeito das notícias.

Achou que Maria estivesse certa. Se isso iria amenizar a dor que ela sentia, não teria problema nenhum. Seguiu para casa.

— **A** Fernanda? – perguntou Simone incrédula.

Fernando levou a xícara de café até a boca e olhou para ela.

— Eu também fiquei gelado.

— Não é possível! A Fernanda?

— Eu nunca pensaria nisso.

— Pois é! Ela sempre sentada nas primeiras cadeiras, sempre certinha e bem educada. E agora?

— Bem, não sei, mas vou ligar para o Pastor José Pereira.

— E o que você acha que ele vai dizer?

— Não tenho a mínima idéia, mas acho que não vai ser coisa boa não.

Simone ficou pensando no que acabava de ouvir. Fernanda Grávida. Para ela isso foi terrível. E agora? Como é que ela vai encarar os olhos da igreja? E o Pastor José Pereira? O que será que ele vai dizer disso tudo?

Realmente ela não queria estar na pele da Fernanda, o que vai acontecer agora?



**J**osé chegou em casa. Estava apreensivo pelo que iria encontrar lá dentro. Hesitou um pouco em entrar, mas não podia ficar ali parado.

Assim que passou pela porta encontrou Maria cantarolando.

— Mulher, como foi lá?

Maria olhou para ele com lágrimas nos olhos.

— Ele falou comigo.

— Ele falou? Como assim?

— Ela recebeu o espírito do Arildo e ele falou.

— E o que ele falou? – José estava atônito.

— Ele disse que não era para nós ficar preocupado porque ele estava bem, estava num lugar lindo e encontrou todos os nossos parentes.

José não sabia o que dizer. Ele não acreditava nestas coisas, mas Maria falou com tanto entusiasmo que ele não queria colocar tudo a perder. Não sabia o que dizer nem o que pensar, apenas entrou no banheiro, ligou o chuveiro e começou se despir entre lágrimas.

— *...Não vejo outra saída.* – falou o Pastor José Pereira do outro lado da linha.

— Mas Pastor, acho um pouco precipitado demais. – argumentou o Pastor Fernando.

— *Pastor Fernando, veja bem, não é precipitado. Imagine o que os outros membros vão pensar? Se não fizermos isso, novos casos vão acontecer novamente.*

— Não Pastor, isso não pode acontecer. Mas acho que excluir a Fernanda do hall de membros não é melhor saída. – Fernando ainda tentava insistir na decisão do Pastor José Pereira.

— *Pastor, vamos deixar que a assembléia decida isso. Eu particularmente, como já lhe disse, ainda acho que esta é a melhor saída. Não podemos fazer mais nada. Já aconteceu mesmo. É melhor tirarmos este problema de uma vez da nossa comunidade. Imagine o que os de fora irão pensar se nós ficarmos com este problema, tenho certeza que até os de dentro vão ficar contra nós se não fizermos algo.*

— Bem, Pastor, vou estar orando. Vamos nos encontrar amanhã para conversarmos sobre este assunto?

— *Tudo bem, por mim não há problema nenhum. Pode vir aqui em casa após o almoço?*

— Sem problemas.

— *Então nos encontramos amanhã.*

— Então até lá. Fica com Deus.

— *Até lá. Fica você também.*

Pastor Fernando colocou o telefone no gancho e voltou-se para se acomodar melhor na cama.

— O que ele disse? – perguntou Simone que se deitou também.

— Você não vai acreditar, ele acha que devemos excluir ela do hall.

— Excluir?

— Ele deve achar que isso vai resolver o problema.

— E o que você vai fazer?

— Bem, não sei ainda. Amanhã vamos conversar e vou tentar argumentar contra, mas não sei não.

Simone acomodou-se melhor e encerrou o assunto por aí. Não demorou muito para dormir.

Fernando diferentemente não conseguiu pregar o olho. Orou a noite toda e pediu uma resposta de Deus.

No outro dia, Fernando estava impaciente. Não sabia o que o Pastor José Pereira iria dizer, nem tão pouco sabia se seus argumentos iriam ser bons ou não.

Por outro lado também tinha que concentrar-se um pouco na pregação da Convenção dos Pastores.

Simone veio várias vezes chamá-lo para ajudá-la arrumar umas bagunças no armário da garagem, mas foi tudo em vão. Ele estava no escritório, lendo a bíblia e fazendo anotações sobre o que iria dizer.

Quando olhou para o relógio, já era hora de almoçar. Simone havia preparado um delicioso peixe. Só que ele estava tão concentrado que mau degustou dele.

— Você precisa ter um pouco de calma, afinal o que pode acontecer de errado? – disse ela vendo as atitudes dele.

— Eu estou preocupado, não quero errar de novo.

— Não se preocupe com isso, você não vai estar errando. Você não colocou isso diante de Deus? Então deixe que Deus cuidará disso.

— Mas se todos optarem em excluir ela?

— O que você poderá fazer? É a opinião da assembléia.

— Eu sei, mas estou preocupado.

Simone não se atreveu a perguntar mais nada. Ficou orando para que aquele problema fosse resolvido de uma vez por todas.

Fernando terminou o almoço, escovou os dentes e foi trocar de roupa para ir na casa do Pastor.

**J**á havia passado a hora do almoço quando José sentiu fome. Mais um dia de trabalho. Caminhou como de costume para algum restaurante conhecido.

Ficou aguardando o cozinheiro vir lhe trazer algo para comer.

Comeu pouco. Sua fome havia passado.

Não demorou muito para voltar ao trabalho. Naquela manhã havia pensado em Maria o tempo todo. Ela não estava se sentindo bem novamente. Ele estava começando a ficar preocupado com ela. Já antes do Arildo morrer ela estava reclamando de dores nas costas, agora as dores estavam piores.

Desejou que o dia terminasse rapidamente para ir logo embora.

O Pastor Fernando chegou na casa do Pastor José Pereira quando este acabara de almoçar.

Cumprimentou a esposa dele, a filha e ambos já foram para o escritório do Pastor José Pereira.

Fernando já havia entrado ali várias vezes, o acervo de livros que o Pastor José Pereira possuía era o dobro do seu. Reparou que sobre a mesa existiam mais dois exemplares ainda embalados de livros novos.

O Pastor José Pereira reparou na curiosidade do Pastor Fernando.

— Estes dois livros me chegaram hoje.

— Aé? Sobre o que falam? – disse ele pegando um exemplar.

— Este que você tem na mão fala sobre Jonas, e este aqui fala sobre Seitas e Heresias. Comentaram-me que estes dois livros são muito bons.

— Mesmo? Quanto você pagou?

— Este que está nas suas mãos foi \$50,00 e este aqui \$80,00.

— Nossa, que caro! – exclamou ele.

— Alguma vez você encontrou alguma livraria evangélica que vendesse livros baratos?

O Pastor José Pereira sentou-se e indicou uma poltrona para o Pastor Fernando sentar-se também. Este assim o fez.

— Bem, Pastor Fernando, vamos falar sobre o assunto que te trouxe aqui.

O Pastor Fernando respirou fundo.

— É.

O Pastor José Pereira olhou o Pastor Fernando de cima a baixo e por fim deteve-se nos olhos dele.

— Estive pensando, - começou ele — sobre o que conversamos ontem. Realmente estou confiante no que eu lhe falei. Sabe, demorou muito, mas nós conseguimos fazer esta igreja ser respeitada em todo o bairro, e além dele em toda a cidade. Você sabe, tanto é que temos entre os membros, muita gente importante e bem conceituada. Nós não podemos deixar tudo isso ruir assim derrepente. Não podemos deixar esta garota circulando entre as garotas da nossa igreja.

— Mas...

— E, você sabe, eu me compadeço do problema dela, sabe, eu sei o quanto ela está sofrendo e o quanto a família dela está sofrendo, mas não podemos deixar isso assim. Se nós fizermos vistas grossa sobre este assunto agora, amanhã teremos novas garotas grávidas. Por quê? Porque não fomos coerentes.

— Eu sei, e concordo com o que você me diz, mas será que esta é a melhor opção que devemos optar?

— Tenho certeza que sim.

— Tenho certeza que não.

— Por quê? Por que você acha que devemos proceder diferente?

— Porque acho que Jesus não faria isso.

— Isso o quê? Excluir ela?

— É. Acho que Jesus não faria isso. Ele não iria virar as costas para esta situação. Penso que ele morreu para salvar até mesmo ela, e não é por causa deste pecado que ele vai deixar que amá-la e de estar com ela.

O Pastor José Pereira ficou fitando Fernando por uns segundos.

— E o que você me diz? Sobre o seu ponto de vista o que você acha que devemos fazer?

— Acho que devemos, primeiro, mostrar para ela que não concordamos com o pecado, mas amamos a vida dela. Ela, mais agora do que nunca, precisa que alguém lhe dê conselhos sábios e principalmente, ela não pode ser rejeitada simplesmente por causa deste pecado. Precisamos mudar a visão da nossa igreja. Não devemos dizer assim: Olha ali a pecadora! Devemos amá-la e nos mostrar compassivos com isso. Não com o pecado, mas com ela.

— E você acha que nossa igreja irá aceitar isso?

— Não, não acho, mas é isso que eu acho que Jesus faria.

Eles ficaram em silêncio por uns segundos.

— Vamos ter que colocar este assunto na assembléia. – disse por fim o Pastor José Pereira.

— Diante da igreja?

— Sim.

— Vamos expor este pecado diante da igreja toda? Para humilhar mais ainda a Fernanda?

— Não acho que isso irá humilhá-la, mas servirá para os outros jovens.

— Isso vai destruir ela!

— Pior do que já está, não vai ficar.

— Não acredito que você está dizendo isso, Pastor José Pereira!

O Pastor José Pereira se levantou.

— Eu é que não acredito que você está concordando em seguir para frente com esta palhaçada! Já te disse que eu me compadeço com o problema dela, mas o que eu posso fazer? Não fui eu que errei! Ela pecou, e de acordo com o nosso procedimento temos que tomar uma

atitude, para isso não se repetir. E esta atitude deverá ser tomada. E não vou mais discutir sobre isso, vamos deixar que a assembléia dê a sua opinião.

Pastor Fernando ficou aguardando uns instante. O clima estava muito quente. Não adiantava mais ficar argumentando. O Pastor José Pereira era o Pastor principal, e não, não adiantava querer ser mais do que ele. Ele sempre tinha a palavra final.

Restou-lhe apenas respirar fundo novamente e aceitar a submissão, contra a vontade. Restava-lhe agora apenas orar.

**J**osé chegou em casa. Ouviu as queixas de dores da Maria.

Passou-lhe nas costas um remédio caseiro que ela havia preparado e ela foi dormir cedo. Ele pensou em dormir, mas não estava com sono. Decidiu ir até o bar tomar alguma coisa. Precisava levantar o ânimo novamente e como havia sobrado uns trocados decidiu seguir para lá.

Encontrou alguns amigos, vieram lhe dar os pêsames sobre a morte do filho e lhe pagaram alguma bebida. Na verdade ele acabou não gastando nada naquela noite. Os amigos acharam que pagando-lhe uma bebida, seria uma forma de mostrarem o quanto estavam compadecidos dele.

Nada mal. Bebeu bastante, mas na hora em que viu que iria perder a noção do espaço decidiu ir embora. Chegou em casa a tempo de encontrar Maria vomitando no banheiro.

— Como é que está, mulher? – disse ele com bafo de bebida.

— Onde você estava? Estou muito mau.

Ele a conduziu novamente para a cama. Deitou-se ao seu lado e acabou dormindo rapidamente, ainda de roupas e num sono profundo.

Maria o chamou novamente mais foi inútil.



**P**astor Fernando chegou em casa a tempo para a janta. Simone leu nos seus olhos que a conversa com o Pastor não havia sido muito produtiva.

— O que a igreja irá fazer? – limitou-se a perguntar.

— Não sei. Só sei que temos que orar para não fazer o pior.

— O que será o pior?

— Excluir ela.

— A história irá se repetir, não é? – disse ela comparando com a história da caderneta do Fernando.

— Espero que não.

Ele não quis jantar. Foi para o escritório e orou mais um pouco. Deus tinha que dar uma resposta para ele. Deus não podia deixar as coisas ficarem como estavam.

**A** Semana transcorreu sem muitas alterações. Pastor Fernando ficou orando e meditando na expectativa da próxima assembléia. Preparou seu texto para a convenção dos Pastores e ajudou Simone arrumar a casa para a chegada de Leonardo.

Este chegou perto da hora do almoço. Foi um pouco frustrante para Fernando, pois ele queria preparar o churrasco na presença do filho. Mas tudo bem, haviam vários amigos e instaurava um clima de alegria.

Leonardo chegou com a namorada. Fernando não a achou bonita, simpática sim, mas bonita não.

Leonardo como sempre, atencioso com todos, foi cumprimentando um a um.

Simone que até a chegada dele achava-se inquieta, agora estava transbordando alegria pelos poros.

— Você está lindo, meu filho!

Leonardo tentava desconversar em meio aos elogios e gracejos da mãe.

— E ai, pai? Como estão as coisas?

— Graças a Deus tudo bem, filho. Vejo que com você também!

— Graças a Deus.

Aos poucos, os cumprimentos foram acabando e Leonardo entrou no clima do almoço. Brincaram de Can-Can e almoçaram maravilhosamente bem.

**P**or outro lado a semana não estava muito boa na casa de José. Maria estava cada vez mais debilitada, já quase não estava fazendo os serviços de casa e passava a maior parte do dia deitada.

Sempre que José chegava da rua, após mais um dia de coleta, encontra-a mais magra de cansada, e o pior, ela vivia falando em morte.

— José, sabe que eu estou doente, mas se for a vontade de Deus que eu me encontre com o nosso filho, eu estarei muito feliz.

— Vira esta boca para lá, mulher! Quem falou que você vai encontrar com ele? Não fale este tipo de coisa!

— Ué? Por quê? Todos vamos morrer um dia, não é?

— É, mas não é para ficarmos lembrando disso toda a hora.

E lá se ia ela para o quarto deitar e descansar.

José estava cada vez mais preocupado. Será que algo de ruim estava para acontecer e piorar ainda mais a sua vida? Torcia para que não, mas não tinha mais tanta convicção assim.

O Pastor Fernando entrou no escritório e encontrou Leonardo usando seu computador. Achou que aquele era um bom momento para conversar sobre os assuntos que a tempos estavam pendentes.

— Oi, filho, você está aí?

— Oi, pai. Estou tentando baixar um programa aqui.

— Podemos conversar um pouco? – Fernando sentou-se na poltrona.

— Claro, pai, manda aí!

— Quase não temos tempo para conversar, e agora que o pessoal já foi, e sua mãe está tomando banho, podemos conversar um pouco de homem para homem.

Leonardo parou o que estava fazendo e virou-se para Fernando.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— Não, não aconteceu nada, quero apenas conversar. Como está a faculdade?

Leonardo se acomodou melhor na cadeira.

— Ah, está tudo bem. Só estou um pouco preocupado com Botânica. Sabe, não tenho tido muitas notas boas, então estou tentando fazer uns trabalhos para compensar.

— Quem bom. Não vai repetir nenhum ano, né?

— Que é isso pai! Não se reprova na faculdade. Quando se pega alguma dependência, tem que fazer a dependência no ano seguinte, reprovar só se for muito mal num monte de matérias.

— Bem, no meu tempo era diferente. Mas tudo bem. Vai pegar alguma dependência?

— Acho que não.

Fernando ficou uns segundo em silêncio.

— E a namorada? – falou por fim.

— O que é que tem?

— Vejo que você gosta mesmo dela, não é?

— Ah, gosto sim. Eu e a Bruna nos damos muito bem.

— Que bom, sabia que eu e sua mãe vivíamos brigando?

— É mesmo?

— É, vivíamos brigando por qualquer coisa, até que um dia eu tomei coragem e pedi ela em namoro.

— E o que ela disse?

— Aceitou na hora! Você acha que seu pai não é charmoso?

Ambos riram.

— Eu e a Bruna brigamos pouco. Gostamos de fazer as coisas juntos e então sempre concordamos um com o outro.

— Certo, certo, isso é bom.

Mais uma pausa.

— Filho, o que você me diz de Sexo?

Leonardo sentiu-se acuado.

— Bem, pai, não posso falar sobre isso.

— Por quê?

Fernando viu o rosto de Leonardo enrubescer.

— Porque ainda não fiz.

Fernando riu. Leonardo ficou mais rubro.

— Vou me guardar para o casamento. – concluiu ainda.

— Que bom, filho! Isso é muito nobre.

— Não acha que eu estou errado?

— Não. Você está certo. A Bíblia diz que chegará um dia em que o homem deverá deixar a casa dos seus pais e deverá unir-se a uma mulher. Nos chamamos isso de casamento. E, eu vou te confessar uma coisa, eu também esperei me casar com sua mãe para depois fazer Sexo.

— É mesmo?

— Sim. E quer saber do melhor? Ela também era virgem.

Leonardo sorriu.

— A Bruna é virgem também.

— Mesmo? Que bom, filho! Vamos orar para que Deus os conserve assim até o dia do seu casamento assim você será abençoado por Deus.

Leonardo sorriu novamente menos rubro que antes.

**A** Semana continuou correndo. Leonardo voltou para a faculdade e Bruna com ele. Fernando contou para Simone sobre a conversa que teve com o filho e isso deixou ela mais tranqüila também. Sabiam que podiam contar com o filho.

O dia da Convenção dos Pastores havia chego.

Fernando repassou mais uma vez todos os tópicos que iria ressaltar na pregação e principalmente, orou mais fervorosamente pois no dia seguinte seria a assembléia na igreja para resolver o problema da Fernanda.

Vestiu seu melhor terno e junto com Simone foram até o centro de convenções.

O lugar estava cheio. Fernando viu vários carros importados e carros caros estacionados no lado de fora. Por um segundo pensou se o dinheiro gasto na compra destes automóveis não seriam melhores empregados na obra de Deus.

Entrou. Uma recepcionista lhe mostrou o lugar onde deveria sentar-se com sua esposa. Assim que ele sentou-se avistou o Pastor José Pereira com a esposa. Esta lhe acenou.

Desde o dia em que havia ido na casa do Pastor José Pereira, não falou novamente com ele. Viu o olhar fuzilante dele.

As solenidades começaram. Um Pastor deu inicio ao congresso. Houve um período de louvor e por fim o Pastor responsável pela convenção chamou-o para pregar.

— ...muito se tem falado sobre ética e sobre responsabilidade Pastoral, no entanto, os novos Pastores tem nos mostrado a leveza e assumido da responsabilidade por esta função, sendo assim convidamos um Pastor jovem para nos trazer a mensagem nesta noite. O Pastor Fernando Viera de Azevedo.

Fernando seguiu para o púlpito sob aplausos.

Ajeitou seu microfone. Sentiu novamente a mesma sensação que havia sentido na ultima vez que subiu. Tentou olhar nos olhos de alguns Pastores, mas se deteve nos olhos do Pastor José Pereira.

Os mesmos olhos fuzilantes estavam lhe dizendo: “Cuidado com o que vai dizer!”

Ele respirou fundo e disse baixinho:

— Senhor, usa-me como seu instrumento.

**J**osé novamente estava preocupado. Maria não melhorava. Cada vez mais debilitada. Ele estava ficando preocupado.

— José... - disse ela.

— Sim, mulher, estou aqui.

— Vai chamar a Clotilde.

— Quem?

— A Clotilde.

— Por quê?

— Meu velho. Eu estou morrendo. Quero que meu filho esteja aqui. Chame ela.

— Não fale isso, mulher! Você não vai morrer.

— José, faça isso.

José se levantou, seus olhos eram rios de lágrimas. Sua mulher estava morrendo também. Já não bastava ter perdido o filho, agora sua mulher estava abandonando-o. Deus não poderia ser mais injusto!

Saiu para fora em direção a casa da Clotilde. Deus o havia abandonado, talvez a Bruxa não.

— Caros irmãos, Jesus disse em João 10:10 e eu o cito aqui nesta convenção: - começou o Pastor Fernando — Eu sou o bom Pastor, o bom Pastor dá a vida pelas ovelhas, Mas o que é mercenário, e não Pastor, de quem não são as ovelhas, vendo vir o lobo, deixa as ovelhas e foge, e o lobo as arrebatou e dispersa, ora, o mercenário foge porque é mercenário, e não se importa com as ovelhas, eu sou o bom Pastor, conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco, a essas também me importa conduzir, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só Pastor. Com estas palavras, irmãos, eu quero lhes dizer que em sete anos que sou Pastor e tenho estudado teologia nunca aprendi tanto sobre a vida Pastoral do que nesta semana. Pedi ao meu Pastor, que está aqui presente, o irmão José Pereira, que me desse um mês de férias para que eu pudesse entender a angústia e a preocupação que estava ocorrendo em meu coração. Há dias eu me sentia triste e sem amor pelo evangelho. Confesso para os irmãos que pensei até em abandonar o meu ministério pastoral, mas nesta semana aconteceu algo em minha vida que me mostrou que Deus espera muito mais de nós do que nós mesmos esperamos. Vejo hoje e aqui nesta convenção discutirmos sobre ética Pastoral, sobre G12 e sobre vários outros assuntos, mas nós temos sido negligentes, temos falhado com o principal motivo para que Deus nos separou para sermos Pastores. Pastorear o rebanho.

A multidão de Pastores e visitantes estava em silêncio. A princípio havia uma conversa aqui e outra ali, mas agora todos estavam prestando a atenção total naquele Pastor.

— Eu falo por experiência própria. – continuou ele — Quantas vezes tenho ido até as ovelhas perdidas e desgarradas? É muito fácil e tornou-se muito cômodo para nós Pastores, vestirmos nossos ternos, irmos em nossa igreja, nos escondermos atrás do púlpito e falarmos palavras de exortação e de amor, mas quantas vezes temos vivido o que Deus nos tem mostrado através das nossas próprias pregações? Quantas vezes temos vivido o que nós mesmos pregamos? Por que nós nos preocupamos com ética ou no nome que a nossa igreja terá perante a sociedade? Certa vez eu li uma reportagem que tinha por título: A Ética e a Pregação. Nesta reportagem o autor dizia que era errado um Pastor pregar aquilo que outro Pastor já havia pregado, e também proibido o Pastor copiar a pregação de outro Pastor. Meu Deus! Isso é ética Pastoral? Não! Isso é o reflexo daquilo que nós nos



transformamos. Nós vamos envelhecendo cada vez mais e achamos que o fato de estarmos atrás do púlpito faz-nos levar muitas almas para Cristo. Não! Ai de nós! Ai de nós! Temos sido negligentes! Temos nos preocupado mais com nós mesmos do que com aquilo que Deus nos deu por responsabilidade! Ir até aquelas almas perdidas!

A multidão ainda estava em silêncio.

— Até quando? – continuou — Até quando? Até quando, vamos fingir que está tudo bem? Até quando vamos ficar sentados nas primeiras cadeiras da igreja esperando as ovelhas perdidas baterem em nossa porta? Até quando vamos fingir que não é conosco? Até quando vamos nos preocupar mais em amassar o nosso terno do que ajudar aquele mendigo que precisa da vitória? Por acaso Jesus morreu somente para nós? Somente para mim e para você porque nós conhecemos o Hebraico ou de cor o Pentateuco? Não! Jesus chora quando ele vê nosso próprios atos. Quando ele vê que os Pastores não dão a vida pelas ovelhas. Quando os Pastores fogem dos problemas da igreja e deixam o lobo levar com ele as ovelhas. Até quando vamos ser assim? Até quando vamos nos preocupar mais com os nossos carros importados e com nossas casas maravilhosas e nos esquecermos que neste exato momento muitas almas estão indo para o inferno? Que o nosso próprio vizinho está indo para o inferno? Espero que possamos, não só nesta noite, mas todos os dias de nossa vida, sermos verdadeiramente um canal para o fluir do Espírito Santo. Sermos verdadeiramente Pastores e não termos que encarar o julgamento de Deus quando ele dizer: “Servo mau, por que enterraste o teu talento? Por que não fostes até onde eu lhe mandei?” Irmãos, não quero que vocês me julguem pentecostal ou fanático. Não sou digno de nenhum destes rótulos, mas sou um jovem Pastor que sabe que para Jesus é mais importante uma alma do que toda a ética e todos os sofismas que nós homens podemos criar e seguir. Que nesta noite, que neste momento, Jesus possa estar apontando o dedo em seus corações e dizendo: “Até quando você vai ser negligente com a minha obra?” Não para julgamento, mas para repreensão e para nossa edificação. Que Deus possa nos abençoar e possa nos mostrar o caminho que ele quer que sigamos. Passo a palavra agora para os Pastores Gilmar e João Augusto.

Fernando sentou-se. Simone olhou-o nos olhos. Ele não precisou de nenhuma palavra dela, sabia que ela estava do seu lado.

O Pastor Gilmar não sabia o que dizer, as palavras de Fernando foram muito duras e ele estava preocupado no que os outros estavam pensando. Achou melhor dar uns minutos de intervalo.

Aos poucos os murmúrios e a conversa começaram a ficar mais intensos. Alguns levantaram para cumprimentar outros, alguns foram ao banheiro e o intervalo transcorreu por dez minutos.

Fernando não esperava nenhum agradecimento, mas foram muitos os que vieram lhe cumprimentar pela pregação. O Pastor José Pereira não foi.

**C**lotilde chegou com mais dois ajudantes.

— Como ela está? – perguntou.

— Muito mal. – respondeu José.

Ela olhou Maria que estava deitada na cama.

Conversou poucas palavras com ela, José não pode ouvir. Ela voltou-se para ele.

— Vamos fazer uns trabalhos para o Orixá ajudar ela. – disse Clotilde.

Um dos ajudantes pegou um atabaque e começou a bater. Ela começou a rezar.

Sua reza era tão intensa que ela mudou de reza para canto até entrar num transe.

Um dos ajudantes começou a bater um batuque e também a dançar.

Chegou mais um ajudante e aos poucos a casa era pequena demais para tanta gente. Todos assistindo as rezas e os batuques.

José sentou-se numa cadeira que achou disponível.

— Me ajuda meu Deus. – falou baixinho.

A convenção seguiu, os líderes tentaram fazer o possível para que os assuntos em pauta fossem debatidos, mas as palavras de Fernando estavam vivas em todos os corações e eles acabaram adiando a maioria dos tópicos.

Fernando mantinha-se em silêncio o tempo todo. Não optava nos debates. Sua função ali havia terminado. Não iria entrar neste jogo de falsa ética.

A reunião terminou e todos foram para o salão de janta. O clima foi ficando mais descontraído. Fernando até sorriu com uns amigos. Umas brincadeiras aqui e outras ali eram feitas, mas todos ainda pensavam, no íntimo, naquilo que ele havia dito.

Todos sabiam: Deus está vivo e está de olho em nós.

Fernando foi pegar um pouco mais de refrigerante para Simone quando uma mão tocou-lhe no ombro.

Ele se virou e teve que encarar os olhos do Pastor José Pereira.

— Pastor Fernando.

— Pastor José Pereira.

— Posso falar um pouco com o senhor?

— Claro, Pastor.

Ambos saíram do meio do aglomerado e foram para um lugar mais calmo.

— Pode falar, Pastor. – disse Fernando assim que encontrou duas cadeiras.

— Onde você pensa que está? – descarregou o Pastor José Pereira.

— Não entendi a pergunta, Pastor?

— Não entendeu? Fernando, o que pensa que está fazendo?

— Como assim?

— Com esta sua pregação! O que quer com isso? Fama? Sucesso?

— Não Pastor, eu...

— Não é disso que precisamos? Você quer disseminar uma divisão aqui?

— Não, eu...

— Por que você joga assim toda a sua base teológica para cima? Por que você pensa que pregar é falar o que pensa?

— Eu não estou falando o que penso, falo daquilo que Jesus quer que eu fale, mas vejo que não vou ficar argumentando com você, pastor, vejo que quer que tenhamos uma nova discussão.

— Não vou ter nenhuma discussão com você.

— Acho melhor mesmo, pois eu não retiro nenhuma palavra do que disse hoje. Acha que estou preocupado se alguns Pastores sentiram-se escandalizados com o que eu falei? Não! Não estou, pois sei que Jesus não estaria.

— Você fala de Jesus como se entendesse tudo o que ele quer. Acha-se tão sábio.

— Por que está me atirando pedras, Pastor? Por que está deixando que ódio entre no seu coração.

— Não estou deixando o ódio entrar no meu coração, nem estou lhe atirando pedras, estou preocupado com a minha igreja e com os membros que dependem de mim.

— Que membros que dependem de você, a Fernanda por exemplo?

— Não adianta me provocar com esta assunto novamente, afinal, ele já foi decidido. A Fernanda pediu uma carta de exclusão.

— O quê?

— Isso mesmo, o irmão Neves pediu uma carta de exclusão.

— Eu não acredito!

— Agora é você que está me acusando.

— Ele não faria isso, ele precisa de ajuda, mas eu acho que alguém deve ter cultivado esta idéia na cabeça dele.

— Você continua me acusando.

— Serviu a carapuça?

— Não quero mais falar sobre isso. A menina grávida já é um assunto encerrado na nossa igreja, mas vejo que você ainda não é.

Fernando olhou o Pastor nos olhos. Ele não estava acreditando.

— O que você está dizendo com isso?

— Estive observando você nestes últimos dias, para ser sincero, no dia em que me pediu as férias.

Fernando ainda não acreditava.

— Vou estar orando a Deus para cuidar da sua vida, mas vou querer você um pouco afastados dos assuntos da igreja.

— Por quê?

— Por causa destas suas idéias. Eu não sei até onde você vai.

— Como assim?

— Como assim? Isso que você falou sobre carros importados e tudo o mais. Olhe para você, Fernando. Olhe para você. Você mora numa casa bonita, tem dois carros muito bons que você conseguiu com a gorda contribuição que o seu salário lhe dá. Por que você não abre

mão disso? É fácil falar para os outros abrirem mão, mas veja você mesmo.

Fernando engoliu seco. Em todas as afiadas palavras que o Pastor José Pereira havia dito, estas eram verdadeiras. Onde estava seu testemunho?

— Não vou mandá-lo embora, nem tão pouco vou cortar seu salário, Pastor Fernando. Mas quero que você pense muito bem no que você pregou hoje a noite e tome cuidado. O que você tem é muito valioso para você perder. Coloque sua vida Pastoral na balança e pese. Pese e veja o que você irá fazer.

O Pastor José Pereira voltou para a festa deixando o Pastor Fernando sem nenhuma palavra. Mas pensativo naquilo que ele havia dito.

— **M**eus Deus! por que comigo? Por que comigo? – pensava José enquanto esfregava as mãos na testa.

As pessoas continuavam em sua casa. O batuque também. Já haviam tocado vários pontos e a situação na qual se encontrava Maria ainda era a mesma.

— Deus, por que você quer tirar-me a Maria? – perguntava-se.  
— O que eu fiz de errado para merecer isso?

Uma das mulheres veio lhe pedir um copo de água. Ele não tinha. Foi até o bar e pediu uma garrafa térmica para o pessoal. Não sabia até que horas aquela cantoria e oração iria, mas muitos iriam sentir fome e sede. Voltou com a garrafa.

Serviu água para alguns e voltou para a cadeira onde estava.

— Meus Deus, tem misericórdia de mim! – falou baixinho.

**P**astor Fernando encontrava-se em seu escritório. A Convenção já havia acabado. Na verdade acabou mais rapidamente do que ele havia imaginado. Quando se deu conta já estava sentado no escritório.

Simone disse que já iria dormir. Deu-lhe um beijo de boa noite e seguiu para o quarto. Ele disse que queria ficar mais um pouco.

Na verdade, as palavras do Pastor Pereira ainda eram como navalhas no seu coração.

“Olhe para você!” ele pensava. “Olhe para você!”

Ele olhou em volta, seus livros estavam muito bem colocados nas prateleiras, seu escritório verdadeiramente era muito bonito. Ficou olhando todos os detalhes, os braços das poltronas, o carpete, os quadros.

— Tudo inútil! – falou sozinho.

Tudo era inútil! Tudo não passava de um conforto desnecessário.

Por que ele deixou as coisas chegarem a este ponto? Deus! Deus! Por quê?

Ficou pensando, pensando, pensando.

Fechou os olhos e tentou se lembrar de quando havia começado o ministério Pastoral. Se viu entrando no seminário pela primeira vez. A vontade de conhecer o evangelho era incrível. Nas primeiras noites, a alegria que invadia sua alma para conhecer mais daquilo que ele amava tanto. Era como se fosse um quadro e ele estava pintando diante de si. Como se a cada dia ele descobrisse uma mistura nova e surgisse uma cor diferente, aos poucos o quadro foi criando forma.

Lembrou-se das noites que passava orando. Tudo era tão bom. Parecia que havia uma chama acesa no seu coração. Mas algo aconteceu, algo aconteceu e aos poucos sem que ele pudesse se dar conta a chama foi ficando mais fraca, já não passava mais noites orando. O quadro agora era algo pela metade, mas ele já não sentia mais alegria em descobrir novas cores, quando as descobria, não achava aplicação para ela no quadro.

O primeiro amor, o amor verdadeiro que ele sentia pelo evangelho foi se transformando em um conformismo. Já não passava mais nenhuma noite acordado, não havia motivo para isso. Quando notou já estava no último ano do seminário. Ai veio a formatura e a ordenação Pastoral. Os primeiros dias como Pastor, no fim do primeiro ano casava-se com Simone. A casinha era pequena, ai Simone ficou grávida.



Ele continuava com os trabalho na igreja, aos poucos os membros começaram a aumentar e também o rendimento financeiro da igreja. Não demorou muito para começar a receber um bom salário.

Três anos depois uma casa nova e um carro. Mas as orações e as vigílias continuavam sem nenhuma alteração.

— Por que eu deixei de vigiar? – perguntou-se.

Agora estava diante de uma crise. Não sabia mais o que fazer.

Leonardo foi estudar fora, a casa já era bonita e confortável, aí veio a compra de um carro para Leonardo e um para Simone. Com três carros, não havia mais problemas de um sair e não sobrar mais locomoção para os outros. Cada um com seu carro.

Continuou estudando, montou uma verdadeira biblioteca pessoal no seu escritório. Alguns livros, ainda alertaram quanto a vigilância e quanto a buscar mais respostas na bíblia, mas continuou negligente.

E agora, tudo faz sentido. Ele deixou que as coisas da igreja, que as tradições e os sofismas da congregação fossem maiores do que as verdades bíblicas e Deus estava lhe perguntando: Até quando vai achar que vai conhecer mais lendo livros do que lendo a minha palavra?

Ele não podia deixar as coisas como estavam. Não aceitava mais isso. Tinha que tomar uma nova atitude. Não podia mais deixar Jesus lhe incomodando a todo o instante e lhe dizendo que ele continuava a andar no caminho largo, ao invés do estreito.

— Chega! – disse.

Caminhou até o quarto. Simone já dormia. Ele trocou de roupa e deitou na cama. Ela acordou.

— Vou pedir demissão. - falou.

— Você tem certeza? – perguntou ela tranquilamente.

— Não. Mas tenho certeza que Jesus está comigo. Coloquei isso nas mãos dele.

Simone não fez mais perguntas. Ela estava do lado do marido para o que der e vier, para os momentos alegres e para os momentos tristes. Sabia que algo incomodava Fernando a um bom tempo. Ela não era inocente a ponto de não notar algo de diferente. Mas sabia que desde que casou-se com Fernando que a vida dele era inteiramente entregue nas mãos do Senhor e ela estaria com ele onde quer que ele fosse.

Restava-lhe apenas orar. E foi o que ela fez a noite toda.

Fernando também orou a noite toda. Não conseguiu dormir, principalmente depois de lembrar que na manhã seguinte a assembléia iria excluir Fernanda do hall de membros.

**A** noite continuou difícil para José. Já passava das quatro da manhã e Maria ainda não melhorava. Os batuques continuavam as orações e as invocações aos Orixás continuaram também.

Mas nada acontecia.

— Meu Deus! Meu Deus! Me ajuda! – ele repetia sem parar.

Maria continuava do mesmo jeito. Várias vezes ele viu uma vela sendo acesa. Tinha que aceitar uma nova desgraça, Maria não iria sair desta. Agora a morte dela também era questão de horas.

**F**ernando viu nas olheiras de Simone o reflexo da noite em claro.

— Você não dormiu também, não é? – perguntou.

Ela apenas confirmou com a cabeça.

Ambos se trocaram e tomaram o café da manhã.

— Sei que Jesus irá conosco onde quer que formos. – disse ele

— Temos como nos sustentar, mas precisamos colocar em prática o que Deus nos deu como obrigação. Não podemos mais estar numa igreja que não vê o ministério Pastoral como realmente deve ser visto.

Simone continuou concordando.

— Sei que Deus tem uma grande obra em nossas vidas. – respondeu ela.

Terminaram o café. Entraram no carro e seguiram para a igreja.

**J**osé estava desesperado. Maria não mudara e todos estavam esgotados pela noite em claro e as invocações aos Orixás.

Clotilde sentou-se numa cadeira e dormiu um pouco. Os outros aproveitaram o momento para tomar um café no bar e voltarem para continuar as orações.

A vela novamente foi acesa na cabeceira da cama de Maria. José não suportou ver aquilo novamente.

Saiu de casa em prantos. Uma pessoa foi até ele, mas ele continuou seguindo rua a baixo.

— Deus, tem misericórdia de mim! – disse aos prantos.

Continuou seguindo a rua sem rumo. Maria provavelmente já não estaria mais viva quando ele voltasse.

O Pastor Fernando pensou em esperar o culto acabar para conversar com o Pastor Pereira.

Este estava no púlpito e estava dando início a assembléia.

— Irmãos, vamos, nesta manhã, dar início à assembléia. Temos alguns assuntos para tratar por isso, vamos iniciar de imediato. Peço que a Irmã Teresa que é a Secretária da Igreja, cite-nos nosso primeiro assunto.

A Irmã Teresa caminhou até o microfone e leu a ata da última reunião, em seguida disse o primeiro assunto que deveria ser tratado na assembléia de hoje.

— A construção de um pavimento sobre o salão de festas.

Fernando estava angustiado. Estava com um desejo enorme de gritar!

— Ai de nós! Ai de nós! – disse baixinho.

Ele sabia que seu lugar não era mais ali. Tinha que ir e pregar o evangelho para aqueles que estavam lá fora, enquanto a igreja discutia a construção de um pavimento sobre o salão de festas, muita gente estava morrendo de fome lá fora, não só fome de alimento, mas fome espiritual também. Por que perder tempo com a construção de novos escritórios? Este dinheiro poderia ajudar a muita gente necessitada. Por que pensamos somente em nós? Jesus, se eu estou errado me mostre! Por favor, Jesus, se eu estou pensando erroneamente, por favor, me alerte para que eu faça nada errado.

**J**osé olhou para o lado e viu aquela igreja enorme e bonita. Seu coração estava em pedaços, seus olhos ainda continuavam a chorar tristemente.

— Por que a Maria, Senhor? – perguntou olhando a igreja. —  
Por que não eu?

Fechou os olhos por um segundo e tomou coragem.  
Caminhou até a entrada da igreja.

— **V**amos agora tratar o pedido de desligamento do Irmão Neves e família. – disse a Secretária.

Pastor Fernando olhou nos olhos do Pastor Pereira. Não encontrou nenhuma compaixão ali.

Um irmão propôs aceitar o pedido. Provavelmente já sabia que Fernanda estava grávida e tinha o mesmo pensamento do Pastor Pereira.

— Algum voto contrário?

Fernando pensou em levantar e dizer algo. Ergueu o braço.

Pastor Pereira fuzilou-o com o olhar.

— O Pastor Fernando quer dizer algo? – perguntou a Secretária.

O Pastor Fernando levantou.

Todos ouviram uma voz gritando em desespero.

— Meus Deus! Tem misericórdia de mim!



**T**odas as atenções se voltaram para a porta.

Um homem de média estatura, mau vestido estava de joelhos com os braços erguidos.

— Meus Deus! Não me abandone! – repetiu ele.

Um dos diáconos foi rapidamente até onde o homem estava e ajudou-o a se levantar.

Outro diácono se levantou e ambos foram retirando o homem do meio da igreja.

Pastor Fernando assistiu tudo aquilo. Seu coração se inflamou.

Caminhou até onde o homem estava que continua a chorar e a repetir:

— Não me abandone, Senhor! Não me abandone!

O Pastor Fernando chegou até o homem.

— O que aconteceu, meu senhor?

O Homem olhou para aquele jovem Pastor como os olhos cheios de piedade.

— Minha mulher, está morrendo.

Os diáconos conduziram o homem para fora da igreja.

O Pastor Fernando foi junto.

Lá dentro o clima era de expectativa.

— Irmãos, não vamos deixar que isso abale nossa assembléia. – disse o Pastor Pereira.

Quando a atenção voltou-se para ele, completou.

— Devemos manter nossas atenções em Cristo. O Diabo usa muitos meios para dispersar as nossas atenções.

**N**a casa de José, Clotilde continuava a invocar seu Orixá pela cura. Maria continuava do mesmo jeito. Ela já estava prestes a desistir e voltar para casa. Estava cansada e precisava dormir um pouco.

Hesitou um instante, mas decidiu continuar por mais uma meia hora.

O homem acabara de tomar o copo com água. Um dos diáconos já havia voltado para a igreja. Estava apenas o Pastor Fernando e o outro diácono como o velho senhor.

— Fique calmo agora, - disse o Pastor — Me conte o que aconteceu?

O homem olhou para os olhos de compaixão do Pastor e respondeu.

— Minha mulher, Maria, ela está morrendo, mas eu não posso viver sem ela, ela precisa de ajuda.

— Onde está ela? - quis saber o diácono.

— Na minha casa.

— Traga ela aqui que nós iremos orar por ela. - completou o diácono.

O Pastor Fernando olhou nos olhos do diácono.

— Não posso, senhor. - disse o velho — Não tenho como.

O diácono fez um sinal de reprovação.

— Não podemos fazer nada.

O Pastor Fernando concordou. Mas algo dentro dele, disse que não era isso que Deus faria no seu lugar.

Seu coração começou a bater rapidamente.

— Onde é que você mora? - perguntou enfim.

— No BuKarena.

Fernando sabia que o BuKarena era o pior bairro da cidade. Favela e invasões eram as únicas formas de morar no Bukarena. Até a Polícia entrava lá com medo.

— Vamos até o meu carro eu te levo em casa. - disse ele.

O olhos de incredulidade do diácono se encontraram nos olhos de confiança do Pastor.

O Velho viu ali, uma esperança.

Entrou no carro do Pastor. O diácono também foi.

O carro seguiu para o Bukarena levando os três.

Quando o carro parou diante da pequena casa. Pastor Fernando notou algo de estranho. O ambiente estava pesado.

Escutou uns batiques lá dentro.

— O que está acontecendo aqui? – perguntou o diácono ao Pastor.

— Não sei, mas acho que estão fazendo um despacho.

— É uma mãe-de-santo que está rezando. – disse o velho.

Ambos atravessaram o portão de entrada.

— A quanto tempo eles estão aí? – perguntou o Pastor.

— Desde ontem à noite.

Entraram na casa.

O baticão estava no fim. Clotilde terminou o último “ponto” e veio conversar com o velho.

— Nois, ficamos a noite toda aqui, não dá pra fazer mais nada. Ela acaba de morrer.

Os olhos do velho se encheram de lágrimas.

O clima na casa foi o pior clima que o Pastor já havia visto.

O velho não tinha mais palavras nem mais esperança.

— Acho que viemos aqui em vão. – disse o diácono.

Pastor Fernando pensou por um segundo. Não foi para isso que Deus lhe trouxe naquele lugar. Não foi por isso que este homem sofreu tanto. Jesus não iria abandonar aquele homem naquele momento. Mas talvez esta fosse a vontade de Deus.

Caminhou até onde o velho estava e tocou nos seu ombro.

— Jesus não vai te abandonar.

O velho olhou nos olhos de compaixão do Pastor. Que Jesus poderia fazer agora? A noite toda ele pediu para Jesus lhe ajudar, mas Jesus lhe negou ajuda.

O Pastor olhou para as pessoas que estavam na casa, alguns com tabaques e bumbos.

— Vou orar pela esposa deste senhor aqui, e gostaria que vocês estivessem orando comigo. É possível?

Clotilde olhou para os outros.

— Moço, nós é umbandista, nós não acreditamos no seu Deus. Os orixás estiveram a noite toda aqui conosco, você acha que este teu Deus pode fazer alguma coisa ainda, nós vamos embora.

— Por favor, eu peço que vocês fiquem. Vocês estiveram a noite toda aqui e os seus orixás não fizeram nada. Eu vou orar, e creio que Jesus ainda não terminou a obra dele nesta casa, e, se ele não fizer nada

também eu confirmo para vocês que minha fé é vã e eu me converto à religião de vocês.

Os olhos do diácono se arregalaram.

Clotilde sorriu e aceitou ver a oração do Pastor.

Fernando caminhou até a cama onde Maria jazia morta. Uma vela estava acesa na cabeceira da cama.

Ele dobrou os joelhos diante da morta, pegou a vela e apagou. Tocou no rosto de Maria, e tirou-lhe o cabelo que estava sobre o olho. Ela estava fria.

Todos ficaram ao redor da cama olhando-o.

— Se meu Deus não fizer nada também, minha fé não vale nada.  
— ainda disse.

O diácono estava atônito, mas dobrou o joelho e fechou os olhos, não queria ver o vexame que o Pastor iria passar.

O Pastor fechou os olhos. Por um segundo ele pensou em tudo o que havia vivido até aquele momento. Lembrou-se da sua caderneta, lembrou de quando era jovem, lembrou-se de Simone, de Leonardo e de si mesmo. Sentiu como que um fogo dentro do seu coração. O Deus do impossível e, o Jesus que havia ressuscitado dos mortos não o havia abandonado. Ele poderia ter abandonado Jesus pelas coisas materiais, mas o mesmo Jesus que esteve com eles todos os dias da sua vida, estava presente naquele quarto. E o segurava pela mão.

Então seu coração bateu apressadamente e cheio de coragem ele falou:

— Jesus, honra a minha fé.

A única coisa que o diácono viu foi Clotilde cair de joelhos no chão e dizer:

— Deus é Vivo!

Quando olhou para a os outros, todos estavam de joelhos e chorando. Quando olhou para o Pastor Fernando e viu ele ajudando Maria se arrumar na cama, ele não compreendeu o que havia acontecido. Aliás ele não estava entendendo mais nada.

— Deus é vivo! – ainda disse.

O Pastor Fernando estava com lágrimas nos olhos. Maria estava perdida, o que estava acontecendo?

José na porta, também de joelhos falava em alta voz.

— Deus maravilhoso! Deus maravilhoso!

O Pastor ajudou Maria a se sentar.

— O que está acontecendo?

O Pastor tentou falar, mas não conseguiu. Todos estavam chorando e dizendo: Deus é vivo! Deus é maravilhoso! Jesus é vivo!

O Pastor ainda chorava, mas dentro de si, sentia uma gratidão imensa por Jesus ter tido misericórdia daquela família.

**P**assou-se duas horas e os louvores e choros foram diminuindo.

O Pastor ajudou Maria ir até o banheiro e lavar o rosto. Só então pode contar-lhe o que aconteceu.

Ela terminou de ouvir a história com lágrimas nos olhos.

— ...e o Senhor Jesus, que é vivo, fez-se manifestar nesta casa hoje! – disse o Pastor — e, nos provou que ele não abandona ninguém e que só nele existe a verdadeira salvação.

Todos ouviam com atenção. Clotilde e todos os demais.

O diácono não parava de chorar, nunca em sua vida ele havia visto algo parecido. Jesus ressuscitou uma mulher. Se alguém lhe contasse isso ele não acreditaria, foi necessário que ele visse para crer e mesmo assim estava atônito.

Maria disse que as dores eram muitas e por fim acabou adormecendo. Quando de repente acordou e viu um monte de gente de joelhos e dizendo: “Deus é vivo!”

Disse que não sentia mais nenhuma dor, mas que estava com fome.

O diácono pegou o carro do Pastor e foi comprar umas pizzas para todos comerem. Aos poucos as pessoas foram ficando mais calmas. Nunca ninguém havia visto algo como aquilo.

O Pastor disse que se José permitisse, viria em sua casa uma vez por semana para pregar para aquelas pessoas. José aceitou na hora.

Quanto o Pastor olhou no relógio já era tarde. Despediu-se daquele povo e junto com o diácono foi para casa.

Chegando lá, contou para Simone o que havia acontecido. Disse-lhe todos os detalhes, inclusive que semanalmente iria ajudar aquela família.

Simone ouviu tudo com lágrimas nos olhos. Contou-lhe então o que havia acontecido depois que ele e o diácono saíram da igreja. Que foi aceito o desligamento do irmão Neves e sua família e todos os outros detalhes mais da assembléia.

A demissão do Pastor Fernando foi aceita pelo Pastor Pereira sem nenhum protesto. Tudo ficou acertado e ele sentiu-se como se tivesse se livrando de mais um problema. O Pastor Fernando saiu tristemente, pois ainda tentou argumentar os motivos, mas não foi suficiente.

Por fim, achou melhor se conformar.

Os dias foram passando e por várias vezes ele foi até a casa de José pregar-lhe o evangelho, aos poucos a notícia do que havia acontecido ali foi se espalhando por toda a cidade e chegou aos ouvidos do Pastor Pereira.

A princípio o Pastor Fernando disse para o diácono que não era para contar a ninguém, mas a notícia se espalhou de uma forma tal que a casa de José ficou pequena para abrigar tanta gente.

O Pastor Fernando recebeu vários convites para Pastorear outras igrejas, mas acabou aceitando um convite de um irmão que lhe cedeu um barracão.

Assim, as visitas na casa de José foram transferidas para o barracão.

Em nenhum dia sequer, o Pastor Fernando chegou ao barracão, sem que este não estivesse cheio.



Os meses foram se passando. José e Maria se mudaram para os fundos do barracão, pois o Pastor Fernando mandou construir uma casa para eles. Assim eles poderiam tomar conta da igreja e morar nos fundos.

Transferiu sua biblioteca para a Igreja, assim todos poderiam ter acesso a ela. Vendeu um dos seus carros e comprou equipamentos de som para a igreja.

Simone se envolveu com a igreja trabalhando com as crianças e dando apoio às mães que não possuíam experiência em gestação.

Esta foi uma das vitórias do Pastor Fernando.

Mas a maior vitória, foi conseguir montar uma igreja naquele violento bairro de BuKare. No princípio, o barracão foi visto com hostilidade. Não foi uma nem duas as vezes em que os vidros eram alvos de pedras.

Mas com o tempo, muitos que eram contra, começaram a ver a obra que estava sendo desenvolvida naquele bairro, o Pastor desenvolveu um pequeno grupo de pessoas, dentre elas José, Maria, Clotilde e Simone, e junto com este pequeno grupo, saiu pelas ruas ajudando famílias.

O tempo foi correndo e Fernando conseguiu que alguns irmãos da antiga igreja ajudassem nesta obra no bairro do BuKare. Mensalmente ele conseguia algumas cestas básicas que eram distribuídas aos irmãos menos favorecidos e as famílias que não tinham condições para adquirir uma cesta.

Quando Fernando fez o primeiro levantamento da quantidade irmãos que estavam congregando no barracão e da quantidade de irmãos que haviam sido batizados naquele ano, assustado concluiu que já contava com mais de duzentos irmãos.

Sua agenda era lotada. Muitas igrejas o convidava para testemunhar a respeito das transformações que estavam ocorrendo no bairro do BuKare.

A princípio ele ia a muitas igrejas, mas aos poucos foi deixando, pois, começou a notar que já não estava dando muita atenção ao seu rebanho. Achou melhor cancelar as visitas a outras igrejas, pois tinha muito com que se preocupar na sua.

Simone era a cada dia mais feliz. Muitas vezes ele perguntava a ela se ela estava feliz em estar abrindo mão de tudo o que ela possuía em casa para estar ajudando as jovens e instruindo as crianças no bairro do BuKare e ainda por cima sem ganho nenhum.

— Meu amor, eu sou a mulher mais feliz do mundo! Deus me deu dois braços para eu fazer alguma coisa pelo seus filhos, e se você me tirar daqui hoje, com certeza eu serei uma mulher triste, mas se eu permanecer aqui, serei muito feliz.

Fernando achava que isso era uma outra benção que ele havia recebido de Deus.

Leonardo terminou a faculdade, e Fernando novamente perdeu a noção do tempo. Leonardo casou-se com Bruna e começou a desenvolver um trabalho semelhante na cidade onde moravam.

Fernando volta e meia, ia para lá ajudar no trabalho, quando voltava, seu coração parecia transbordar de alegria.

— **R**ecebi este comunicado da prefeitura, Pastor. – disse José lhe entregando um envelope.

O Pastor Fernando pegou o envelope, abriu e olhou para José.

— Não é um comunicado, José, é um convite.

— Convite?

— È. E é um convite do prefeito.

— O que será que ele quer?

— Pelo que diz aqui, ele está parabenizando a Igreja pelo trabalho de assistência social que está fazendo no bairro e quer nos condecorar com uma placa.

— E o que isso quer dizer?

— Que dizer que ele vai nos agradecer pelo trabalho que estamos fazendo aqui no bairro do BuKare.

— Mas quem contou isso para ele?

— Ah, ele deve ter ouvido falar por ai. – Fernando sorriu, sabia que o diácono que estava com ele na casa de José, naquele dia em que Deus tinha feito um milagre é quem devia ter contato tudo.

— E quando vai ser?

— Daqui à quinze dias.

O Pastor Fernando se encontrou novamente com o Pastor Pereira dois anos depois. Na convenção dos Pastores.

Desta vez, nenhum nem o outro pregou naquela noite.

Fernando estava conversando com um amigo e o Pastor Pereira veio lhe cumprimentar.

— A paz do Senhor. – disse ele.

— A paz do Senhor, Pastor. – respondeu-lhe Fernando.

Houve um segundo de silêncio.

— Tenho ouvido muito sobre o trabalho que você tem desenvolvido no bairro do BuKare.

— É, Deus tem nos abençoado.

— Fiquei sabendo que você recebeu uma condecoração das mãos do prefeito.

— Ah, isso foi no ano passado, ele disse que diminuimos os índices de violência e de analfabetismo no bairro.

— Que bom. Isso é uma vitória sua.

— Magina! A vitória é de todos os que estão lá, trabalhando duro e orando por esta obra.

— Você fundou uma igreja lá. Não é?

— Era um antigo barracão abandonado, que acabamos fazendo algumas reformas.

O Pastor Pereira ficou sem assunto. Olhou nos olhos do pastor Fernando e falou:

— Espero que você tenha aprendido com isso tudo.

— Eu aprendi. – respondeu ele sorrindo — Mas, espero que o senhor tenha aprendido também.

O Pastor Pereira apenas retribuiu-lhe o sorriu.

Chegou mais um Pastor e Fernando acabou dando atenção a ele. O Pastor Pereira foi-se indo devagar até sair. Fernando ficou pensando se ele realmente havia aprendido algo com tudo isso. Será que hoje, quando ele deitar em sua cama, vai refletir sobre o que passamos?

Ninguém poderia responder esta pergunta.

**J**á se passou sete anos, desde o dia em que o Pastor Fernando esteve na pequena casa de José. Sua igreja já conta com quatrocentos membros, e tem feito muitas obras na cidade.

Fernando acabou inflando e contagiando as pequenas igrejas dos bairros vizinhos e junto com sua igreja estão fazendo um grande trabalho na parte norte da cidade.

Através de doações e de incentivos de muitos irmãos e empresários, a igreja já conta com a maior biblioteca evangélica disponível para empréstimo gratuito, e também com programas de incentivos aos irmãos mais necessitados.

O Pastor Fernando escreveu e distribuiu dois livros pela editora Leão Goes, e está trabalhando no terceiro. Tem contado com o apoio de jovens na divulgação de trabalhos.

José continua sendo o responsável pelo barracão e Maria, esbanjando saúde, com ele tem buscado a face de Deus assiduamente.

Simone e Maria estão trabalhando com crianças de várias creches e isso tem sido muito bom para ambas. Volta e meia você ouve Maria dizer que possui um monte de filhos pela cidade, e realmente são tantos que somente um coração como o dela poderia acolher cada um destes filhos como o mesmo carinho que sentia por Arildo.

A Comunidade, como chamam o barracão, continua a contagiar todos os que vão e observam o trabalho que por ela vem sendo executado. Até mesmo os que não são crentes têm se compadecido e enviado doações para a ajuda de assistência social que a Comunidade presta a quem quer que necessite.

Certo dia, Simone entrou em casa, caminhou até seu quarto para pegar uma caixa com uns artesanatos. Passou pela porta do escritório e encontrou Fernando sentado em sua mesa. Era raro ela ver Fernando, em plena luz do dia, em casa.

— Oi meu amor, tudo bem? – perguntou ela na porta.

— Oi, tudo. – respondeu ele sorrindo.

— O que você está fazendo? – quis saber ela.

— Você não vai acreditar. Estou fazendo faxina!

— Acho que vai chover hoje! – disse ela rindo.

— Nem tanto, mas olhe só. – ele mostrou uma pequena caderneta.

— Nossa! Sabia que eu havia me esquecido dela.

— Eu também!

— Bem, preciso ir, estou ajudando umas jovens a fazer uns bordados, te vejo à noite. – disse ela mandando-lhe um beijo.

— Tudo bem, vai com Deus.

Fernando ficou olhando a caderneta enquanto Simone saía.

No chão havia vários papéis, o cesto de lixo estava abarrotado. Fernando encontrou um espaço entre a papelada e abriu sua caderneta. Pegou um lápis sobre a mesa e, foi até a última página que ainda estava em branco e escreveu:

*“Hoje eu posso colocar minha cabeça no travesseiro e dizer que Deus me abençoou. Tenho um filho nos caminhos do Senhor, uma esposa maravilhosa, e um ministério que é a minha vida. Todos os dias eu espero o sol nascer e levanto da cama com uma disposição que nem bem sei de onde vem. Sei que tenho trabalhado para a obra de Deus e tenho sido um verdadeiro Pastor. Dou a vida pelas minhas ovelhas. Não quero fazer de mim mesmo um herói. Eu não sou herói, sou apenas uma pessoa que fez o que Jesus disse para fazer. Tenho me preocupado pouco com as minhas economias ou com o meu conforto, Deus é fiel, mas tenho me preocupado muito com o conforto e a salvação de muitos. Todas as noites eu coloco a vida do Pastor Pereira e a dos membros da minha antiga igreja em oração. Mas também coloco a vida daqueles que todos os dias vêm até a nossa Comunidade e saem de lá felizes. Acho que o meu maior mérito não foi ter trazido mais de cem pessoas até a Comunidade e pregado para elas, o meu maior mérito é vê-las andando com as próprias pernas. Vejo e tenho certeza que não sou eu quem está capacitando-as, mas Jesus. A obra é dele e ele tem capacitado e cuidado de cada família que chega pedindo socorro e sai distribuindo ajuda também. Vejo pelos frutos que a*

*Comunidade é um exemplo que precisa ser seguido. Não por estar na frente deste trabalho, se eu visse este trabalho em outro lugar eu iria aprender com ele e iria aplicá-lo na minha igreja. Hoje, diferente de alguns anos atrás eu tenho alegria e me orgulho de pregar o evangelho, e vou me orgulhar até os últimos dias de minha vida. Sei que cometi muitas falhas, e sei também que muitas vezes eu não ajudei aqueles que me pediram ajuda, mas tento, da melhor forma possível ajudar a todos os que hoje vem diante de nós pedir ajuda, e sei que isso é contagiante e todos os irmãos e irmãs que estão na Comunidade fazem o mesmo. Isso é que é o verdadeiro motivo de me alegrar, pois sei que quando eu não estiver mais aqui, eles irão andar com as próprias pernas e irão saber se sustentar. Todas as vezes em que eu pergunto para Simone se ela é feliz, responde “sim”; e se ela seria feliz se a vida dela fosse diferente, ela me responde que não, pois se ela continuasse do jeito que era, ela iria ter um infarte. E toda a vez que eu ouço isso eu vejo que abrir mão do meu conforto e da minha televisão valeu alguma coisa. Toda a vez que eu vejo uma pessoa sorrir e dizer que ama Jesus eu me emociono e pergunto para mim mesmo: Valeu a pena, não é, Pastor Fernando? E toda a vez eu ouço nitidamente a mesma resposta: Ainda não, ainda tem muito a ser feito.*

*Espero que eu consiga atingir este “muito” algum dia. Afinal o bom Pastor dá a vida pelas ovelhas, mas se eu, em toda a vida não conseguir isso, não vou me sentir frustrado, pois aprendi uma coisa e isso nunca mais vai mudar em mim. Aprendi e vou viver assim, não pela fama nem por dinheiro, mas por obediência, vou viver aquilo que eu ensino. Vou viver como Jesus viveria em meu lugar, vou simplesmente viver aquilo que eu prego.”*

**FIM**

Esta é uma obra de Ficção  
Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.



## Carta aos Leitores

Durante os doze meses do ano de 2002 escrevi tudo o que havia meditado e vivido. Surgindo assim os três livros componentes da **Série Despertar**.

Gostaria de agradecer todos que direta ou indiretamente ajudaram na composição destes livros, sejam em testemunhos, críticas e sugestões. A todos vocês, espero que meus três livros sirvam de agradecimento e quero também dizer-lhes que uma parte de vocês estão escritos nestas linhas.

Sua contribuição foi muito importante para a conclusão desta obra. Peço que continuem a enviar suas sugestões, bem como suas críticas também.

Queria aproveitar o final deste livro para dizer algumas coisas sobre a série. Diferente do primeiro ou do segundo livro, este terceiro me fez refletir ainda mais sobre o querer de Deus para a minha vida e para as pessoas que eu amo.

É engraçado como Deus permite que as coisas aconteçam. Muitas vezes eu escrevo algo e vejo que isso é um dever que eu mesmo até tenho esquecido. Sou muitas vezes como aqueles Pastores que pregam algo e não vivem o que pregam. Tenho orado a Deus para que isso seja transformado em minha vida. Não quero ser hipócrita nem tão pouco me achar dono da razão, mas quero viver de acordo com a palavra de Deus, viver aquilo que eu acredito e prego.

Descobri, e é maravilhoso como são as coisas, que muitas vezes não é necessário uma palavra para que alguém veja a diferença em nós cristãos. Não é necessário que eu fique gritando para todos os cantos que Jesus é o Senhor, as pessoas vêem isso no nossos atos e muitas vezes o nosso silêncio fala muito.

Quero dizer com isso, que se por um segundo, por um momento ou por até um instante talvez, você, caro leitor, tenha se atentado por algo escrito nestes três livros, ou que você tenha pensado assim: “Puxa, como eu queria ser assim.” Ou “Isso é Deus me dando uma lição.” Esta é a minha vitória, e, eu alcancei meu objetivo. Muitas vezes quando eu releio os livros, eu acabo dizendo isso também.

Não quero nenhum crédito por aquilo que está escrito, nem gostaria que alguém tivesse crédito por isso, a não ser exclusivamente Deus, pois “é necessário que ele cresça e que eu diminua” não é

verdade? Mas quero que você, a cada dia mais, busque a face de Deus, principalmente na leitura da sua palavra. Pois ela é, como Napoleão Bonaparte disse: “um ser vivente que fascina e fala diretamente e exclusivamente com quem quer que a leia.”

Sendo assim, caros irmãos e amigos, espero que estes livros tenham servido como uma cobertura para o um prato maravilhoso, que é a Bíblia.

Espero que muitas pessoas possam ser edificadas através destes livros, mas que principalmente você possa colocar-se diante de Deus e dizer-lhe que você o ama e quer conhecer a verdade que só ele possui.

A você fica aqui meus agradecimentos também e que Deus possa a cada dia mais, a cada momento mais, nos permitir aprender e contribuir para a sua obra cada vez mais.

Do seu amigo,

Rogério Cericatto

[www.seriadespertar.hpg.com.br](http://www.seriadespertar.hpg.com.br)

[seriadespertar@bol.com.br](mailto:seriadespertar@bol.com.br)

[rogerio.cericatto@bol.com.br](mailto:rogerio.cericatto@bol.com.br)

## **SOBRE O AUTOR**

Rogério Cericatto nasceu em Assis Chateaubriand, no interior do Paraná em 26 de junho de 1979. Filho de um Téc. Agrícola e uma professora, estudou e trabalhou como escriturário em escritório de contabilidade durante três anos. E em períodos de dificuldade, em 1997, conheceu o amor de Cristo e Sua glória.

Tornou-se membro da Ig. Batista do Jardim Esmeralda, prometendo a si mesmo que iria contribuir para a obra de Deus de alguma forma. Foi então que se ingressou no grupo de louvor e também no teatro, onde escreveu as peças teatrais: a lesma e a joaninha, meu pai; meu amigo, o ser mãe e incrédulos, entre outras.

Em 2001 escreveu "CORAÇÃO ABANDONADO" que atualmente está na Editora Vida para análise e edição.

Atualmente se congrega na Igreja Batista do Cajuru, cursa Administração de Empresas na UNICENP e é comprador júnior em uma fábrica de assentos automotivos.

### **Outras Obras Publicadas:**

“**O Crente**” – Livro evangelístico que trás a história de Wellington, um jovem que tem sede de Deus e procura desesperadamente levar o Evangelho de Jesus e tirar sua ex-namorada do engano do mundo.

“**A Igreja**” - Ficção inovadora onde dois jovens se correspondem através de e-mail's e nasce uma história de despertamento para a igreja. Indagações sobre possessão demoníaca e o amor da igreja para com os ímpios são temas principais nesta obra.

\* \* \* \* \*